



INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

DANIELLE KETLEY DE SOUSA PEREIRA

ASPECTOS TEXTUAIS DA IRONIA

ACARAPE

2024

DANIELLE KETLEY DE SOUSA PEREIRA

ASPECTOS TEXTUAIS DA IRONIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (PPGLin/UNILAB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem e Integração

Linha de pesquisa: Linguagem: práticas textuais-discursivas

Orientadora: Prof^a Dr^a Mariza Angélica Paiva Brito

ACARAPE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Pereira, Danielle Ketley de Sousa.

P436a

Aspectos textuais da ironia / Danielle Ketley de Sousa Pereira.
- Redenção, 2024.
100f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Em Estudos Da Linguagem,
Programa De Pós-graduação Em Estudos Da Linguagem, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção,
2024.

Orientadora: Mariza Angélica Paiva Brito.

1. Ironia. 2. Linguística textual. 3. Intertextualidade. 4.
Aresta Crítica. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 809.918

DANIELLE KETLEY DE SOUSA PEREIRA

ASPECTOS TEXTUAIS DA IRONIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (PPGLin/UNILAB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Dr^a. Mariza Angélica Paiva Brito (UNILAB) – Presidente

Dr^a. Maria da Graça dos Santos Faria (UFMA) – Examinador Externo à Instituição

Dr. Kennedy Cabral Nobre (UNILAB) – Examinador Interno

Permanecem em nós as memórias com “evidências” do seu brilho que reflete sobre a sua raridade. E a sua alegria seguirá ressoando nos “sentidos do texto”.

Mônica Magalhães Cavalcante

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me sustentar durante todo este processo, por ser minha fortaleza e amparo nos dias desafiadores, pelo Seu infinito amor que, quando menos mereço, mais me acolhe e capacita diante das tempestades, sendo a fonte da minha resiliência.

À minha família, especialmente à minha mãe, Telma Maria, pelos incansáveis momentos de oração, por vibrar e emocionar-se a cada etapa conquistada, desde o dia da minha aprovação no mestrado. Agradeço por me acolher nos dias sem sol, com seu colo e abraço.

Ao meu pai, Antonio Ricardo, por ser um incentivador e apoiador dos meus sonhos, sem medir esforços para me ajudar. À minha irmã, Maria Grazielly, por ser luz nos meus dias e arrancar os meus sorrisos mais sinceros. É por vocês!

Aos meus avós, Maria de Fátima e Sebastião Nascimento, com quem aprendo pelo exemplo sobre superação, persistência e amor. Vocês são uma das minhas fontes de inspiração.

À minha tia, Tania Noberto, e à minha prima, Tayssa Kelly, agradeço pelo apoio e pelos momentos de descontração proporcionados em seu lar, através das nossas conversas, risos e comidinhas.

À minha professora, orientadora desde a graduação, Dra. Mariza Angélica Paiva Brito, por não soltar a minha mão, pela paciência, por todo o empenho dedicado para encontrarmos um caminho para o estudo da ironia, tarefa essa que nem sempre foi fácil. Há tanto a agradecer, pelo acolhimento por meio de palavras sábias e carinhosas, pelas oportunidades para apresentar esta pesquisa e por tantos aprendizados.

Aos professores membros das minhas bancas de qualificação e defesa, Dr. Valdinar Custódio Filho, Dra. Maria da Graça dos Santos Faria e Dr. Kennedy Cabral Nobre pelo aceite ao nosso convite e por suas valiosas contribuições.

Em especial, à professora Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*), por todo o incentivo e o apoio para a realização desta pesquisa, ademais, por ter me acompanhado nas bancas desde a graduação. Que alegria e que honra. Agradeço pelos direcionamentos ditos sempre de maneira tão generosa e gentil, pelo cuidado e pelo encorajamento. Não é à toa que há muito de você em cada página deste trabalho.

À Greice Sousa, a minha Gleyce, minha conexão inefável, agradeço pelo presente da sua amizade que se transformou em irmandade. Conhece todo o meu percurso, acolheu-me nos dias de coração apertado, celebrou comigo cada pequeno avanço e não me deixa desanimar. Sorte minha tê-la ao meu lado.

À Jaline Souza, por aguentar me ouvir falar centenas de vezes sobre o mestrado, pelo seu apoio e orações nesta jornada que foram essenciais.

À Maria de Lourdes, pela sua amizade, seus conselhos e todo o encorajamento. Que privilégio é tê-la na minha vida.

Às minhas amigas de infância, Thais Holanda e Nina Raquel, obrigada por entenderem a minha ausência, por compartilharem comigo as memórias mais bonitas sobre uma ligação que o tempo não têm ação sobre ela. Mudam as estações, as etapas da vida, e continuamos juntas vibrando uma pela outra.

À Thais Fernandes, por toda a torcida pela concretização desse sonho e por se fazer presente em cada etapa. Como sempre a digo sou grata ao Senhor por ter permitido o nosso encontro na graduação.

À Karoline Lima, por sua generosidade transbordada no nosso laço de amizade, pelas palavras sempre positivas e os abraços de que tudo daria certo.

À Crisna Batista, minha dupla do mestrado, obrigada por dividir comigo as alegrias e as dores deste caminho e por torná-lo inúmeras vezes mais leve.

À minha turma de mestrado, que sorte dividir esta jornada com pessoas tão incríveis, que incentivam e celebram as conquistas de cada um. Em especial, aos que foram um presente: Acsa Albuquerque, Larisse Alcântara e o De Assis.

Aos amigos que fiz no percorrer da minha trajetória acadêmica, obrigada pelos compartilhamentos, escuta e pelo encorajamento, Ályna Fragoso, Késsio Jhone, Elderson Santos, Eugênio Ramos, Josélia Cruz e Ingrid Santos.

À Nilda Barreto, uma das minhas primeiras professoras na educação básica, que sempre me motivou a continuar estudando, e se tornou tão especial a ponto de ser hoje minha madrinha.

A todos os professores que tive do ensino básico até o ensino superior, carrego não apenas lembranças de palavras marcantes, mas um pouco de cada um deles comigo. Obrigada por partilharem seus conhecimentos, pela compreensão e incentivo, por acreditarem na educação e por lutarem por ela.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, por possibilitar uma formação teórica sólida aos seus ingressantes.

À Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, por ter transformado a minha vida, abrindo portas e ampliando horizontes.

A todos no Grupo de Estudos em Linguística Textual - GELT, agradeço pela acolhida, compartilhamento e o apoio constante.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa concedida no segundo ano da pesquisa.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente, estiveram comigo na conquista desse mestrado. As palavras tornam-se insuficientes para expressar tamanho agradecimento.

“[...] Natureza da ironia, numa tentativa de assumir uma posição diante de cada um deles, na medida em que, *ao constituírem-se como nós, precisam ser enfrentados, ainda que não necessariamente desatados.*”

Beth Brait

“A ironia remove a certeza de que as palavras signifiquem apenas o que elas dizem.”

Linda Hutcheon

RESUMO

Esta dissertação concentra-se na análise dos aspectos semântico-contextuais da ironia no contexto do X (Twitter) e em suas dimensões críticas, considerando o contrato comunicativo em cada texto e refletindo sobre os elementos do fenômeno que se alinham com a abordagem teórica da Linguística Textual. Para conduzir esta pesquisa, adotamos a caracterização de ironia proposta por Linda Hutcheon (2000), que se assemelha à abordagem teórica da Linguística Textual, examinando a ironia dentro do contexto do texto e considerando os possíveis impactos sobre o interlocutor. Um requisito fundamental para a existência da ironia é que, pelo menos, alguém perceba a intenção irônica por trás dela. Além disso, incorporamos os princípios teórico-metodológicos da Linguística Textual, com base nos trabalhos de Cavalcante et al. (2019, 2022, 2021), Muniz-Lima (2022) em relação à interação, Carvalho (2018) no que diz respeito à intertextualidade e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) quanto à referenciação. Nesse contexto, também utilizamos o embasamento teórico de Brait (2008) para compreender a ironia como um processo intertextual e interdiscursivo, assim como a contribuição de Marques (2016), que explora a construção linguística da ironia em ambientes digitais. Acreditamos que a ironia está intrinsecamente ligada a uma ambiguidade referencial que só pode ser compreendida em contextos específicos de uso e que sempre possui uma dimensão crítica, uma aresta. A abordagem teórico-metodológica da Linguística Textual nos permite adotar uma perspectiva interacional ao estudar a ironia. Em termos de metodologia, seguimos a concepção ecológica da linguagem proposta por Paveau (2021), que sugere que não devemos dissociar os textos nativos digitais do ambiente em que circulam, mas sim analisá-los de maneira conjunta. Para isso, examinamos doze tuítes que apresentam construções irônicas relacionadas a três acontecimentos: ao debate eleitoral e à vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2022, à investigação em curso contra o ex-presidente Jair Bolsonaro, abordando a recepção, movimentação e venda de itens presenteados por autoridades estrangeiras durante seu mandato, e um pedido de abertura de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar organizações não governamentais que realizam trabalho social na região conhecida como Cracolândia, no centro de São Paulo. Nossa pesquisa é de natureza qualitativa, de acordo com Minayo (2002), e segue uma abordagem hipotético-dedutiva com base nas diretrizes de Marconi e Lakatos (2001).

Palavras-chaves: Ironia. Linguística Textual. Intertextualidade. Aresta Crítica.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the analysis of the semantic-contextual aspects of irony in the context of X (Twitter) and its critical dimensions, considering the communicative contract in each text and reflecting on the elements of the phenomenon that align with the theoretical approach of Linguistics Textual. To conduct this research, we adopted the characterization of irony proposed by Linda Hutcheon (2000), which is similar to the theoretical approach of Text Linguistics, examining irony within the context of the text and considering the possible impacts on the interlocutor. A fundamental requirement for the existence of irony is that at least someone perceives the ironic intention behind it. Furthermore, we incorporated the theoretical-methodological principles of Text Linguistics, based on the work of Cavalcante et al. (2019, 2022, 2021), Muniz-Lima (2022) in relation to interaction, Carvalho (2018) in relation to intertextuality and Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014) in relation to referencing.

In this context, we also use the theoretical basis of Brait (2008) to understand irony as an intertextual and interdiscursive process, as well as the contribution of Marques (2016), which explores the linguistic construction of irony in digital environments. We believe that irony is intrinsically linked to a referential ambiguity that can only be understood in specific contexts of use and that always has a critical dimension, an edge. The theoretical-methodological approach of Text Linguistics allows us to adopt an interactional perspective when studying irony. In terms of methodology, we follow the ecological conception of language proposed by Paveau (2021), which suggests that we should not dissociate digital native texts from the environment in which they circulate, but rather analyze them together. To do this, we examined twelve tweets that present ironic constructions related to three events: the electoral debate and victory of President Luiz Inácio Lula da Silva in 2022, the ongoing investigation against former President Jair Bolsonaro, addressing the reception, movement and sale of items presented by foreign authorities during his mandate, and a request to open a Parliamentary Commission of Inquiry (CPI) to investigate non-governmental organizations that carry out social work in the region known as Cracolândia, in the center of São Paulo. Our research is qualitative in nature, according to Minayo (2002), and follows a hypothetical-deductive approach based on the guidelines of Marconi and Lakatos (2001).

Keywords: Irony. Textual Linguistics. Intertextuality. Critical edge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tuíte 01.....	23
Figura 2 - Tuíte 02	26
Figura 3 – Tirinha da Dona Anésia.....	27
Figura 4 - Tirinha do Garfield.....	28
Figura 5 – Tirinha do Armandinho	30
Figura 6 – Primeira página do jornal Folha de S.Paulo	37
Figura 7 – Compartilhamento do Facebook.....	56
Figura 8 – Tuíte 03.....	59
Figura 9 – Tuíte 04.....	66
Figura 10 – Página inicial do X (Twitter)	74
Figura 11 – Tuíte 05.....	78
Figura 12 - Tuíte 06	80
Figura 13 – Tuíte 07.....	82
Figura 14 – Tuíte 08.....	83
Figura 15 – Tuíte 09.....	85
Figura 16 – Tuíte 10.....	87
Figura 17 – Tuíte 11.....	88
Figura 18 – Tuíte 12.....	89
Figura 19 – Tuíte 13.....	91
Figura 20 – Tuíte 14.....	92
Figura 21 – Tuíte 15.....	93
Figura 22 – Tuíte 16.....	95

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 IRONIA: DA SUA ORIGEM À DISTINÇÃO COM O SARCASMO.....	18
2.1 A origem da ironia	18
2.2. A linha tênue entre a ironia e o sarcasmo	22
3 A NOÇÃO DE IRONIA EM DIFERENTES PERSPECTIVAS	
LINGUÍSTICAS.....	30
3.2 Ironia como interdiscurso, segundo Brait	34
3.3 Abordagem enunciativa da ironia, pelas heterogeneidades.	40
4. A IRONIA SEGUNDO O PONTO DE VISTA DE HUTCHEON (2000) –	
A PERSPECTIVA DA CRÍTICA LITERÁRIA	44
5. A IRONIA EM INTERAÇÕES DIGITAIS	50
5.1 Interatividade em LT	60
6 INTERTEXTUALIDADE E REFERENCIAÇÃO.....	63
6.1 Intertextualidades	63
6.2 Referenciação	68
7. METODOLOGIA.....	72
7.1 Caracterização da pesquisa.....	72
7.2 Delimitação do universo e da amostra	72
7.3 Descrição da coleta dos dados	75
7.4 Procedimento de coleta de dados	76
7.5 Procedimentos de análise	76
8 ANÁLISE.....	77
CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS.....	97

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos remotos, reflete-se acerca do uso da ironia nas atividades humanas, por meio de diferentes abordagens que atravessam áreas como a filosofia, a psicanálise, a sociologia, a retórica, a literatura, a estilística e um pouco nos estudos da linguagem, trazendo à tona a reflexão sobre a ironia em contextos nem sempre harmoniosos.

Essas múltiplas concepções sobre a ironia colocam os pesquisadores em disputas teóricas divergentes, em uma constante busca pela definição mais precisa ou, ao menos, mais elucidativa, e, simultaneamente, por uma metodologia capaz de identificar as características que distinguem a ironia de outros fenômenos que lidam com a duplicidade de sentidos.

Por outro lado, são essas questões que alimentam um debate interdisciplinar em torno dessa forma específica de linguagem. Nesse contexto, é possível identificar alguns pontos e características que motivam as discussões sobre a ironia, estabelecendo as semelhanças e as diferenças entre as abordagens.

Na Antiguidade Clássica, Platão (1965) a apresenta como um caminho para se chegar à “verdade”. Segundo os seus escritos, a ironia poderia levar ainda a dois intuitos: a interrogação simulada e a artimanha, porque o filósofo a via como uma atitude. A ideia de “atitude irônica” será considerada por nós como atitude sarcástica.

Numa análise dialógica do discurso, Brait (2008) defende que o fenômeno irônico é utilizado para atender a três objetivos, sendo eles: assumir um papel de desmascaramento por meio da denúncia, argumentar indiretamente e romper com elementos estabelecidos.

Marques (2016), dentro de uma visão mais contextual e literária da ironia, considera que ela joga com o duplo, de modo que o ironista a adota como uma estratégia de autoproteção por meio da ambiguidade. Neste sentido, outro ponto pertinente sobre o trabalho de Marques (2016) é acerca do papel da interação para o reconhecimento da ironia no ambiente digital.

A importância do olhar de Brait (2008) para nossa pesquisa se deve ao fato de sua abordagem tratar a ironia como procedimento intertextual e interdiscursivo. Ademais, para a autora, a ironia tem sempre uma orientação argumentativa, seja por meio de estabelecer algum paradoxo, de instaurar uma polêmica ou de montar uma estratégia defensiva.

Todavia, não nos inserimos no mesmo enquadre teórico de Brait (2008), que, ancorada na análise dialógica do discurso, realizou uma delimitação teórica destacando os principais aspectos que se sobressaem nas diferentes caracterizações da natureza da ironia, a fim de observar os diálogos interdiscursivos nesse fenômeno. Embora não deixemos de considerar a interdiscursividade na ironia, uma análise totalmente discursiva não é o objetivo deste trabalho.

Desse modo, destacamos que a escolha por Brait (2008) integrar ao nosso quadro teórico está em apresentarmos este mapeamento das pesquisas realizadas sobre ironia e de como a teórica o realizou dentro da Linguística, todavia, a sua análise dialógica dos discursos não está nos interesses analíticos da Linguística Textual (LT), bem como as não coincidências do dizer de Authier-Revuz. Mas é também o caso da implicatura da ironia pela teoria da relevância de Sperber e Wilson, que se preocupa com a explicitação dos raciocínios inferenciais que subjazem à ironia.

Nos guiamos pelo seguinte questionamento: que traços da ironia podem ser tratados de acordo com a abordagem teórica da Linguística Textual, sob o apoio teórico de Linda Hutcheon e de Beth Brait? Para responder a essa pergunta, levantamos a hipótese básica de que a ironia se constrói em torno de uma ambiguidade referencial só recuperável em contextos particulares de uso e de que ela tem sempre uma finalidade crítica, uma aresta. Para explicar esses traços da ironia, consideramos que o aparato teórico-metodológico da LT permite propor um modo interacional de abordá-la.

Nesse prisma, este sugere uma metodologia capaz de identificar as características que distinguem a ironia do sarcasmo, outro fenômeno que lida com a duplicidade de sentidos. Também convém dizer que a chamada “atitude irônica” será considerada como atitude sarcástica e que será reservada à ironia a condição de apresentar, além da aresta crítica, uma ambiguidade referencial que revela uma oposição de sentidos.

Os estudos em LT no Brasil têm se dedicado a uma interdisciplinaridade focada para investigar o seu objeto de estudo, o texto, em interface com outras perspectivas teóricas, principalmente com as interacionistas, com as enunciativas e com as teorias argumentativas. Este diálogo busca compreender a complexidade dos textos que emergem nas mais diversas esferas sociais. Nesta pesquisa, em especial, destacaremos os textos que circulam no ecossistema X (Twitter) para propor uma abordagem da ironia, identificada com aspectos propostos por Hutcheon (2000) dentro da

crítica literária, que justifica-se por sua abordagem teórica ser a mais próxima LT, mesmo tendo sido elaborada no âmbito da crítica literária.

A partir dessa perspectiva, nossa intenção é analisar os traços interacionais e semântico-contextuais da ironia no X (Twitter) e suas arestas críticas, considerando o contrato comunicativo em cada texto e refletindo sobre traços do fenômeno que convergem para a abordagem teórica da LT.

A noção de ironia não é consensual e, seguindo as vertentes teóricas e as respectivas áreas de conhecimento, admite definições diversas. As investigações sobre este fenômeno são, predominantemente, realizadas no campo da Literatura. Assim, no âmbito da Linguística, nos deparamos com escassos estudos que abordam a ironia, dentre eles mencionamos os de Authier-Revuz (2004), na linguística da enunciação, os de Brait (2008), na análise dialógica dos discursos, o de Marques (2016) e, mais recentemente, o artigo de Cavalcante, Brito e Faria (2023), dentro da LT. Portanto, há ainda muito a ser investigado sobre este fenômeno.

Assumimos a proposta teórica de Linda Hutcheon (2000) porque a autora encara o fenômeno dentro do acontecimento do texto, atentando para os efeitos possíveis provocados no interlocutor. Assim, uma condição para a ironia é que alguém, no mínimo, suponha uma intencionalidade irônica. A grande tese da autora é que, para analisar a ironia, é necessário considerar todo o contexto em que o fenômeno ocorre em cada situação particular de uso, e não apenas a intenção irônica do locutor. Este é um posicionamento muito próximo das abordagens linguístico-textuais.

Assim, Hutcheon (2000, p.28), acentua que “a ironia é a transmissão intencional tanto da informação quanto da atitude avaliadora além do que é apresentado explicitamente”. A autora não adota uma perspectiva “intencionista” da ironia, no entanto, porque reconhece a relevância também de quem a interpreta no contexto, como um agente que desempenha uma ação de atribuir sentidos com propósitos particulares em situações específicas: “Atribuir ironia envolve, assim, inferências tanto semânticas quanto avaliadoras. A aresta avaliadora da ironia nunca está ausente e, é verdade, é o que faz a ironia trabalhar diferentemente de outras formas com as quais ela parece ter semelhança estrutural (metáfora, alegoria, trocadilhos)” (p.29).

Seguindo essa linha, consideramos que a ironia continua sendo a mesma, ainda que o interlocutor não a alcance, porque há uma suposição de que alguém compreenderá, ou o interlocutor ou um participante indireto. Ou seja, ela não precisa do

entendimento de todos para ser irônica, necessita que haja uma intenção comunicativa implícita, que vai revelando-se pelo contexto e pela tessitura textual.

Constatamos a falta de estudos sobre a ironia no âmbito da LT, o que confere um grau de ineditismo à nossa empreitada. Ademais, a nossa contribuição consistirá em analisar a ironia sob um ponto de vista da textualidade, a partir de critérios que dizem respeito ao circuito comunicativo e às marcas contextuais de referência e de intertextualidade.

Neste estudo, são apresentadas inicialmente algumas das perspectivas nas quais a ironia já foi ou está sendo abordada, onde nos detivemos a apresentar os principais achados sobre a ironia. Sem a intenção de fazer um levantamento exaustivo desses trabalhos, nosso intuito é situar alguns momentos cruciais para a compreensão da ironia.

Assim, esta pesquisa não apenas se justifica teoricamente, conforme discutido neste início e aprofundado na subsequente discussão sobre ironia, mas também encontra sua razão de ser na urgência de contribuir para a investigação desse fenômeno sob a perspectiva da LT, tal como praticada pelo grupo Protexito da Universidade Federal do Ceará - UFC, e pelo Grupo de Estudos em Linguística Textual - GELT, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

No segundo capítulo, apresentamos a primeira abordagem do termo “ironia” e destacamos suas distinções em relação ao sarcasmo. No terceiro capítulo, concentramo-nos em elucidar a concepção de ironia conforme proposta por Brait (2008) e Authier-Revuz (1990). O quarto capítulo é dedicado à exposição das ideias de Hutcheon (2000). Posteriormente, no quinto capítulo, exploramos a presença da ironia nas interações digitais, conforme analisado por Marques (2016). Para concluir a parte teórica, apresentamos o sexto capítulo, que aborda a intertextualidade e a referência. Em seguida, na metodologia, detalhamos o percurso escolhido para conduzir nossas análises. O oitavo capítulo reúne as análises realizadas, seguido das conclusões.

2 IRONIA: DA SUA ORIGEM À DISTINÇÃO COM O SARCASMO

2.1 A origem da ironia

Ao rastreamos a história da ironia, encontramos sua primeira menção na Antiguidade Clássica, mais especificamente nos diálogos platônicos. No entanto, essa época não é considerada o momento de seu aparecimento, pois a ironia já estava presente na cultura clássica através da dramaturgia (Muecke, 1995). O marco histórico reside no fato de que esses diálogos platônicos representam o primeiro registro conhecido que reflete sobre esse fenômeno. Nesse contexto, esses pensamentos iniciais surgiram no âmbito filosófico, juntamente com outras questões relacionadas à linguagem.

“A República” é uma obra filosófica de autoria do filósofo grego Platão, escrita por volta de 380 a.C. Nesse diálogo, Platão apresenta uma série de discussões sobre a justiça, a natureza da alma, a organização da sociedade e a ideia de um Estado ideal. A obra é construída como uma narrativa em que Sócrates é o personagem principal, dialogando com diversos outros interlocutores, sendo a ironia um elemento-chave presente ao longo de todo o livro.

Sócrates, protagonista dos diálogos, é conhecido por usar a ironia como parte de seu método filosófico. A ironia socrática consiste em fazer perguntas aparentemente ingênuas ou sem conhecimento sobre um determinado assunto, mas que têm o propósito de levar o interlocutor a confrontar suas próprias crenças e entender suas contradições. O filósofo se comporta como alguém que busca o conhecimento, mas que, ao mesmo tempo, finge não saber nada. Essa abordagem irônica serve para estimular seus interlocutores a refletirem profundamente sobre suas convicções e concepções de mundo. Ao fazer perguntas aparentemente simples, Sócrates muitas vezes leva seus oponentes a se contradizerem ou a admitirem que não possuem um entendimento sólido sobre o assunto em questão.

A ironia socrática, portanto, desempenha um papel fundamental na busca de Platão por uma compreensão mais profunda da verdade e da sabedoria. Ela permite que o filósofo revele o conhecimento insuficiente dos outros e os motive a buscar um entendimento mais sólido e coerente sobre questões morais, sociais e políticas.

Além disso, “A República” aborda a ironia de outra forma, relacionada ao próprio Estado ideal proposto por Platão. No livro, Platão descreve a cidade ideal como

uma utopia governada pelos filósofos-reis, que são os detentores do verdadeiro conhecimento e da sabedoria. No entanto, Platão sabe que é difícil, senão impossível, encontrar governantes que realmente sejam sábios e justos. A própria ideia de uma cidade ideal é, portanto, apresentada com um toque irônico, reconhecendo as dificuldades da implementação desse modelo utópico na realidade.

O termo em grego, “eironeia”, significa interrogação dissimulada (Moisés, 2001) e está relacionado a Sócrates devido ao seu método, composto pela ironia e pela maiêutica, conforme relatado por seus discípulos. A ironia socrática, de acordo com sua concepção grega, consiste em fazer perguntas direcionadas ao interlocutor. Esse método é baseado em três etapas: a) questionar sobre um determinado conceito, b) contradizer o interlocutor e, por fim, c) refutá-lo. Sócrates acreditava que, dessa maneira, seria possível purificar os pensamentos dos interlocutores, desfazendo equívocos e contribuindo para a construção de um conhecimento livre de preconceitos.

Por sua vez, a maiêutica refere-se à investigação do conhecimento, que Sócrates considerava ser alcançado apenas no final do processo, quando o interlocutor, ao questionar suas próprias ideias e concepções, reconstruía seu entendimento com ideias mais complexas. Esse momento era visto como um processo de “dar à luz” às ideias, em que, por meio da ironia, se chegaria à verdade.

Brait (2008) destaca que Sócrates compreendia a ironia como uma atitude e uma forma de linguagem. Ao se referir às atitudes irônicas, é a linguagem que possibilita a apreensão e a compreensão desse processo. Desse modo, visto que Sócrates estudava a ironia a partir da perspectiva enunciativa e discursiva, podemos afirmar que ele abordava o tema de forma interdisciplinar.

Conforme descreve Brait (2008), a técnica de Sócrates consistia em transformar uma afirmação em uma pergunta, com o objetivo de mostrar ao interlocutor sua falta de conhecimento ou convicção sobre o tema em discussão.

Um exemplo clássico da ironia socrática em “A República” é o diálogo com Trasímaco, que defende a tese de que a justiça é simplesmente o interesse do mais forte. Sócrates, com sua abordagem irônica, induz Trasímaco a explicar sua posição detalhadamente, expondo as fragilidades de sua argumentação e fazendo-o repensar suas próprias ideias sobre justiça.

[Trasímaco] — Percebo claramente. Para que Sócrates se entregue à sua ocupação habitual, não deve responder. E, quando alguém responde, apodera-se do argumento e **refuta-o!**

[Sócrates] — Mas como, meu nobre amigo, alguém poderia responder em primeiro lugar, se não sabe e se confessa não saber, e se, além disso, caso tenha uma opinião sobre o assunto, é proibido de dizer o que pensa por uma pessoa de grande autoridade? És tu que deves falar, dado que pretendes saber e ter algo a dizer. Não te esquives, portanto: dá-me o prazer de responder e não uses de parcimônia para instruir Glauco e os outros.

[Sócrates] Após eu proferir essas palavras, Glauco e os outros pediram-lhe que não se esquivasse. Percebia-se claramente que Trasímaco desejava falar para se distinguir, julgando ter uma excelente resposta a dar; mas aparentava insistir para que fosse eu a responder. Por fim, cedendo, exclamou:

[Trasímaco] — E esta a sabedoria de Sócrates: recusar-se a ensinar, ir instruir-se com os outros e não se mostrar reconhecido por isso!

[Sócrates] — Tens razão quanto ao fato de que me instruo com os outros, mas estás enganado ao pretender que não lhes pago na mesma moeda. Pois eu pago na medida em que posso. Ora, não posso senão aplaudir, porque não possuo riquezas. Mas a alegria com que o faço, quando julgo que alguém fala bem, tu a conhecerás logo que me tenhas respondido; porque eu julgo que falarás bem (Platão, 1965, p. 78-79, grifo nosso).

Neste trecho, Trasímaco questiona Sócrates sobre ao invés de aceitar as respostas recebidas, refutá-las. Para Trasímaco não poderiam construir conhecimento dessa forma, em sua visão Sócrates é quem deveria ter as respostas para todas as perguntas lançadas, dada a sua posição de mestre.

Em um outro trecho do diálogo que também integra o primeiro livro, Trasímaco novamente questiona a Sócrates sobre o seu método. Ademais, torna-se relevante por ser a primeira menção ao termo ironia, como podemos verificar a seguir:

[Sócrates] Repetidas vezes, enquanto falávamos, Trasímaco procurara tomar parte na conversa, mas fora impedido pelos amigos, que queriam ouvir-nos até o fim. Durante a nossa pausa, após minhas últimas palavras, não pôde mais se conter; erguendo-se do chão, como uma fera, lançou-se contra nós, como para nos dilacerar. Polemarco e eu ficamos apavorados; porém Trasímaco, elevando a voz no meio do auditório, gritou:

[Trasímaco] — Que tagarelice é essa, Sócrates, e por que agis como tolos, inclinando-vos alternadamente um diante do outro? Se queres mesmo saber o que é justo, não te limites a indagar e não teimes em refutar aquele que responde, mas, tendo reconhecido que é mais fácil indagar do que responder, responde tu mesmo e diz como defines a justiça. E abstém-te de pretender ensinar o que se deve fazer, o que é o útil, proveitoso, lucrativo ou vantajoso; exprime-te com clareza e precisão, pois eu não admitirei tais banalidades.

[Sócrates] Ao ouvir tais palavras, fui tomado de assombro e, olhando para ele, senti-me dominado pelo medo; creio até que, se não o tivesse olhado antes que ele me olhasse, eu teria ficado mudo) Mas, quando a discussão começou a irritá-lo, olhei-o em primeiro lugar, de modo que consegui dizer-lhe, um tanto trémulo:

[Sócrates] — Não fiques zangado, Trasímaco, porque, se eu e este jovem cometemos um erro em nossa análise, sabes que foi involuntariamente. Pois, se estivéssemos à procura de ouro, não nos inclinaríamos um para o outro, prejudicando assim as nossas oportunidades de descoberta; portanto, não penses que, procurando a justiça, coisa mais preciosa que grandes quantidades de ouro, façamos tola e concessões mútuas, em vez de nos esforçarmos o mais possível por descobri-la. Não penses isso de forma alguma, meu amigo. Mas creio que a tarefa ultrapassa as nossas forças. Por isso, é muito mais natural para vós, os hábeis, ter compaixão de nós do que testemunhar-nos

irritação. Ao ouvir estas palavras, Trasímaco soltou uma risada sardônica e exclamou:

[Trasímaco] — Ô Hércules! Aqui está a habitual **ironia** de Sócrates! Eu sabia e disse a estes jovens que não querias responder, que fingirias ignorância, que farias por não responder às perguntas, que te fizessem! (Platão, 1965, p. 80-83, grifo nosso).

Sócrates: Diga-me, Trasímaco, o que você quer dizer quando fala sobre justiça? Qual é a sua definição?

Trasímaco: Justiça é simplesmente o interesse do mais forte. Os governantes e os detentores do poder são aqueles que determinam o que é justo e o que não é. A justiça serve aos seus próprios interesses e é usada para manter o controle sobre os mais fracos.

Sócrates: Interessante. Então, você está dizendo que a justiça é apenas uma questão de poder e dominação?

Trasímaco: Exatamente! Os mais fortes impõem suas vontades sobre os mais fracos, e isso é o que chamam de justiça.

Sócrates: Mas e se os governantes cometem erros? E se eles agem de maneira injusta?

Trasímaco: Isso não importa. A justiça é definida pelos governantes, e qualquer coisa que eles façam é considerada justa, simplesmente porque têm o poder para fazê-lo.

Sócrates: Então, se um governante comete um ato que prejudica seus próprios interesses, isso ainda seria considerado justo, de acordo com sua definição?

Trasímaco: Sim, desde que esse ato reforce seu poder e autoridade sobre os outros, ele seria considerado justo.

Sócrates: Mas, Trasímaco, isso parece um tanto contraditório. Se a justiça é apenas o interesse do mais forte, então não há espaço para a ideia de justiça como algo intrinsecamente bom ou correto, independente do poder dos governantes?

Trasímaco: (pausa) Bem, talvez haja alguma verdade em suas palavras, mas ainda acredito que a justiça é uma questão de poder e dominação.

Sócrates: Entendo sua posição, mas permita-me propor um novo ponto de vista. E se a justiça não se trata apenas de interesses pessoais, mas sim de promover o bem comum e a harmonia entre os cidadãos? E se a justiça estiver relacionada à ideia de equidade e virtude?

Trasímaco: (refletindo) Isso parece uma ideia interessante, mas ainda acho que a justiça é controlada pelos mais fortes.

(Platão, 1965, p. 84-85)

Neste trecho do diálogo, Trasímaco interroga Sócrates sobre não falar com objetividade sobre o tema que discutiam, no caso a definição de justiça, porque ao invés disso preferir refutar e sobrepor novas indagações frente às respostas recebidas. Embora, temeroso diante da irritação de Trasímaco, Sócrates discorre que as consecutivas questões são um esforço para se chegar a uma definição de justiça, ademais pede compaixão por não ser hábil como Trasímaco. Isto posto, a referência à ironia aparece na descrição de Platão para a risada de Trasímaco como “sardônica”, bem como no uso do próprio termo, mas a ironia proferida por este assume o sentido de, além de interrogação dissimulada, também o de artimanha de evasão sobre um dado tema.

Podemos observar a abordagem irônica de Sócrates ao questionar a definição de justiça proposta por Trasímaco. Sócrates usa a ironia para mostrar as limitações e as

contradições da visão de Trasímaco, levando-o a reconsiderar suas ideias e a refletir sobre a verdadeira natureza da justiça. O diálogo continua ao longo do livro, explorando diversas outras questões filosóficas relacionadas à justiça e à natureza da virtude.

Desse modo, por meio da primeira aparição do termo “ironia” na obra "República", os diálogos têm sido considerados como protótipos do fenômeno irônico, tornando-se objeto de estudos recorrentes em diversos campos. Além disso, na seção subsequente, discutiremos a contribuição de diferentes perspectivas na investigação sobre a ironia.

2.2. A linha tênue entre a ironia e o sarcasmo

A distinção entre ironia e sarcasmo é frequentemente alvo de discussão e interpretações equivocadas, pois ambos envolvem a expressão de significados sutis e não literais e em vários estudos e também no senso comum, ironia e sarcasmo são tomados um pelo outro. No entanto, é importante enfatizar que são duas teorias distintas, cada uma com características específicas que as diferenciam.

No contexto do sarcasmo, é fundamental que o interlocutor demonstre compreensão do significado não literal do enunciado para que a mensagem seja adequadamente interpretada. Isso significa que o sarcasmo depende da validação do entendimento por parte de um interpretador, ou seja, a pessoa que utiliza o sarcasmo espera que o ouvinte perceba a intenção sarcástica para que a comunicação seja bem-sucedida.

Verifiquemos os exemplos abaixo:

Exemplo 01

- Espere um momento, estou tentando imaginar como você seria se tivesse cérebro.
- O seu perfume é bom. Quanto tempo você esteve submerso nele?
- Você precisa de um cirurgião plástico e não de um médico.

Fonte: <https://www.significados.com.br/sarcasmo>. Acesso em: 16 set. 2023

Sarcasmo é uma palavra com origem no grego *sarkasmós*, que significa zombaria, gozação, deboche. Uma pessoa sarcástica costuma deixar clara a

utilização de hostilidade em sua fala, mesmo que de forma indireta. Por exemplo, quando alguém diz:

Exemplo 02

“Estou procurando na minha agenda o dia em que pedi sua opinião sobre a minha vida.”

Um indivíduo sarcástico utiliza uma forma específica de falar, com o objetivo de ofender ou ridicularizar a outra pessoa. Muitas vezes, a pessoa sarcástica também diz frases que aparentemente são elogios, mas com uma entonação que transmite o sarcasmo e a ofensa. Uma frase dita aparentemente sem ofensa, como essa:

Exemplo 03

“nossa, como você é inteligente!”

pode apresentar um certo sarcasmo dependendo do tom em que é empregado e do contexto de interação. Ou ainda, como neste exemplo coletado da nossa rede de investigação no X (Twitter):

Exemplo 04

Figura 01- Tuíte 01



Disponível em: <https://twitter.com/LulaOficial/status/1684257367376945152> Acesso em: 26 jul. 2023

No tuíte acima sem citar nomes, o presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva responde ao ex-presidente Jair Bolsonaro que proferiu insultos ao chefe de Executivo durante evento do PL (Partido Liberal) na Câmara Municipal de São Paulo no dia 25 de julho de 2023. Na ocasião, Jair Bolsonaro o ofendeu de “jumento” e “analfabeto” ao insinuar que o Lula teve apoio internacional para que conseguisse voltar à presidência da República pela terceira vez.

Lula utilizou sarcasmo para responder a Bolsonaro e, além disso, optou por não o mencionar diretamente, referindo-se à pessoa que tentou atacá-lo no acontecimento do dia anterior. Nesse contexto, o presidente afirma que o jumento é “um animal simpático e mais esperto que alguns”, implicando que Bolsonaro não é esperto. Ele prossegue dizendo que “O que seria ofensivo comparar um jumento a ele, isso sim. Ofensivo aos jumentinhos que não fazem mal a ninguém”, dando a entender implicitamente que Bolsonaro faz mal, ao contrário do jumento, e que a comparação seria ofensiva ao animal.

Desta forma, o propósito do sarcasmo tende a ser mais evidente para todos os participantes envolvidos na interação, incluindo o locutor e o interlocutor. A natureza pessoal do sarcasmo implica em uma certa transparência, isto é, a frequência que se questiona o sarcasmo é menor se comparada à ironia, não se indaga com constância se o texto tem sarcasmo ou não, todavia, sempre há uma interrogação sobre o locutor e o interlocutor quanto à presença de ironia.

O sarcasmo é uma forma de crítica mordaz ou zombaria e é usado para ridicularizar ou desdenhar algo ou alguém. Para Barbe (1995), o propósito do sarcasmo é mais evidente para todos os participantes. Por exemplo, quando alguém comete um erro óbvio, e outra pessoa diz com sarcasmo:

Exemplo 05

"Parabéns, você realmente fez um ótimo trabalho!".
--

Nesse caso, o locutor tem a intenção clara de criticar a incompetência da outra pessoa. Note-se que, nesses dois últimos casos, o sarcasmo configura uma expressão de ironia, porque se estrutura em torno de uma oposição.

Outra diferença importante é a questão da agressividade. De acordo com Lee e Katz (1998), o sarcasmo é considerado mais agressivo do que a ironia. Isso se deve ao

fato de que o sarcasmo pode ser utilizado como uma forma de crítica mordaz ou zombaria, com a intenção de ridicularizar ou desdenhar o interlocutor ou a situação em questão. Em contraste, a ironia pode ser mais suave e menos ofensiva, permitindo uma expressão mais delicada e menos direta de significados não literais. Contudo, isto não equivale a todas as ocorrências de ironia, pois, não temos o sarcasmo e a ironia como dois antagônicos, mas um pode fazer parte do outro, assim, toda ironia contém sarcasmo. Hutcheon (2000, p.33) afirma que “às vezes a ironia pode mesmo ser interpretada como uma retirada de afeto; às vezes, entretanto, há um engajamento deliberado de emoção”.

Conforme Haiman (1998), a diferença entre sarcasmo e ironia seria marcada pelo caráter intencional, pois, ao passo que poderia haver situação interpretada como ironia sem que o locutor tencionasse ser irônico, o sarcasmo só poderia ser atribuído a pessoas que tivessem tido tal intenção. Porque, nas palavras do autor: situações podem ser irônicas, mas só pessoas podem ser sarcásticas; as pessoas podem ser não intencionalmente irônicas, mas o sarcasmo não pode ser feito sem intenção (Haiman, 1998, p.20).

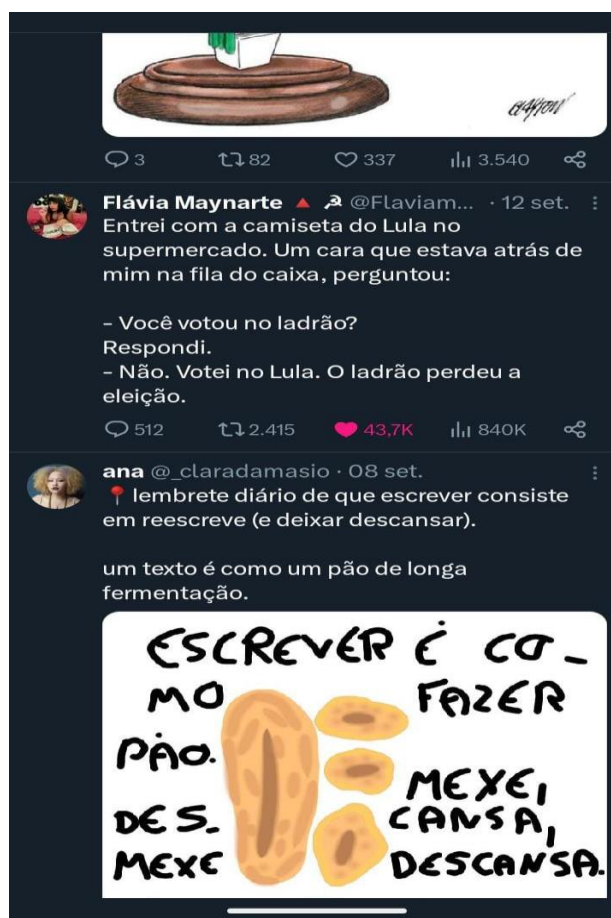
Isso significa que determinadas situações podem ser percebidas como irônicas, mesmo que não haja uma intenção irônica por parte do locutor. Por exemplo, uma declaração feita em um contexto específico pode ser interpretada como irônica pelos ouvintes, mesmo que o locutor não tivesse a intenção de ser irônico. Dessa maneira, Hutcheon afirma que a ironia tem como condição um interpretador que a receba como tal. Assim, a atitude irônica depende da projeção que o interpretador faz em relação à intencionalidade do locutor.

Para Cavalcante, Brito e Faria (2023), a concepção de sarcasmo é um tipo de função, passível de ser flagrada por variados gestos linguageiros que convencionalmente apontem para a zombaria, produzida com intencionalidade. O que daria particularidade ao sarcasmo seria o tom mordaz ou zombeteiro, geralmente usados para expressar desprezo, desdém ou crítica de maneira agressiva e insultante. É por seu modo ácido de comunicação que ele sempre se associa ao ato irônico.

Vejamos os exemplos a seguir:

Exemplo 06

Figura 02 – Tuíte 02



Disponível em: <https://twitter.com/Flaviamaynarte/status/1701593214241902804> Acesso em: 10 out. 2023

Neste tuíte em que a usuária descreve um acontecimento no supermercado, as palavras proferidas indicam sarcasmo. O homem, ao vê-la vestindo uma camiseta do Lula, perguntou se ela votou no “ladrão”, de forma indireta associando o presidente eleito a um ladrão, como uma maneira de insultar o Lula e a usuária por sua escolha, mesmo sem dizer explicitamente, demonstrando ser favorável ao ex-presidente Bolsonaro.

Entretanto, ele não imaginava que a mulher responderia no mesmo tom sarcástico, dizendo que o “ladrão” ao qual ele se referia como sendo Lula na verdade era Bolsonaro, e que seu voto foi para o atual presidente, enquanto o “ladrão” havia perdido as eleições. Uma outra possibilidade de explorarmos o sarcasmo é na tirinha abaixo:

Exemplo 07

Figura 03 – Tirinha da Dona Anésia



Fonte: <https://www.dicio.com.br/diferenca-entre-sarcasmo-e-ironia/> Crédito: Will Leite. Acesso em: 16 set. 2023.

Nesta tirinha, Dona Anésia adota um tom sarcástico ao questionar se a personagem "descobriu isto sozinha ou teve que pesquisar no Google". Sua intenção clara é ser grosseira e destacar que o comentário da personagem é extremamente óbvio.

O uso do sarcasmo está evidente na insinuação de que a personagem pode ter obtido essa informação de forma tão simplista como uma rápida pesquisa on-line, o que, implicitamente, sugere que a informação é tão óbvia ou amplamente conhecida que não requer um esforço intelectual significativo para descobri-la.

Dona Anésia emprega o sarcasmo como uma forma de expressar seu desdém ou desaprovação pela obviedade da afirmação da personagem, tornando o comentário mais mordaz e provocativo. O sarcasmo, nesse contexto, serve como um meio de ridicularizar sutilmente a personagem, enfatizando a falta de originalidade ou profundidade em sua observação.

Na próxima tirinha, Garfield¹ demonstra ironia ao comentar o diálogo superficial dos personagens de forma indireta, utilizando uma expressão que se assemelha a um elogio. Ele não direciona nenhum ataque aos personagens e não tem a intenção de magoá-los.

¹ Garfield é um personagem de uma tirinha de quadrinhos muito popular criada por Jim Davis. Garfield é um gato doméstico laranja, preguiçoso e amante de comida que protagoniza as tirinhas, que muitas vezes giram em torno de suas travessuras, sua relação com seu dono, Jon Arbuckle, e suas interações com outros personagens, como seu companheiro canino Odie. A tirinha "Garfield" é conhecida pelo seu humor leve e muitas vezes sarcástico, com Garfield frequentemente fazendo comentários irônicos sobre a vida e as situações cotidianas. A série foi lançada em 1978 e se tornou uma das tirinhas mais populares e duradouras do mundo.

Exemplo 08
Figura 04 - Tirinha do Garfield



Fonte: <https://www.dicio.com.br/diferenca-entre-sarcasmo-e-ironia/>. Acesso em 16 set. 2023.

Como podemos observar, Garfield é um personagem que muitas vezes age com cinismo e sarcasmo, mas geralmente o faz de forma leve e bem-humorada. Ele não tem a intenção de ferir os sentimentos dos outros personagens, mas sim de destacar o que ele vê como absurdos ou situações engraçadas em seu mundo.

Nesse contexto, Garfield está observando uma conversa entre seu dono, Jonh, e o vizinho, na qual o diálogo é superficial, sem profundidade ou significado real. Ao usar uma expressão que parece elogiar o diálogo vazio, ele está fazendo uma crítica humorística, pois está, na verdade, destacando a falta de conteúdo substancial na conversa. Essa é uma das formas como Garfield cria humor em suas tirinhas. Ele muitas vezes age como um observador cínico do mundo ao seu redor, e suas observações irônicas e sarcásticas servem para entreter os leitores ao apontar o lado ridículo ou absurdo de situações comuns. O humor de Garfield é conhecido por sua sutileza e seu estilo de ironia leve, o que o torna acessível e agradável para uma ampla variedade de público.

Assim como as autoras, entendemos que o tom sarcástico não é o único traço descritivo da ironia, porque a ela costuma estar relacionado um sentido oposto, uma duplicidade de sentidos. Ainda que já se tenha pesquisado a ironia por perspectivas semântico-pragmáticas, ou por abordagens do dialogismo e das heterogeneidades enunciativas, como já demonstramos anteriormente, é da possibilidade de descrição desse fenômeno no âmbito dos estudos textuais que nos ocupamos em nossa pesquisa.

Para este estudo, diferente do que ocorre em vários estudos e também no senso comum, em que a ironia e o sarcasmo são tomados um pelo outro, assumimos a opção terminológica do termo ironia como um tipo de ato sarcástico que, além da aresta crítica, se marca pela oposição de significados. Desse modo, concordamos com Cavalcante (2023) de que toda ironia contém sarcasmo, mas nem todo sarcasmo contém ironia.

No próximo capítulo, exploraremos como diferentes perspectivas contribuem para a investigação da ironia.

3 A NOÇÃO DE IRONIA EM DIFERENTES PERSPECTIVAS LINGÜÍSTICAS

A ironia está presente nas conversas cotidianas, no conteúdo da sala de aula e principalmente nas redes sociais. Por estar atrelada ao senso comum, não nos questionamos com frequência sobre o que é a ironia. Todavia, ao procurarmos por este termo no dicionário on-line de língua portuguesa, nos depararemos com a seguinte definição: “ação de dizer o oposto do que se quer expressar” (IRONIA, 2023). Contudo, a ironia tem uma amplitude muito maior, uma vez que suas intenções vão muito além desta definição, pois o que se diz ou se realiza pode ser irônico, mesmo que não haja essa intenção, portanto, o contexto precisa ser considerado.

Acerca desta reflexão, vejamos a tirinha abaixo:

Figura 05 – Tirinha do Armandinho



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasaarmandinho/photos/a.488361671209144.113963.488356901209621/1485473178164650/?type=3&theater> Acesso em 16 jan. 2023.

O pai do Armandinho tenta lhe explicar que o uso das aspas pode significar uma ironia. Que, assim, a depender do contexto, a palavra *bode* aspeada pode ser uma referência não ao animal, mas a uma outra coisa. Dessa forma, por meio desta analogia, o pai quis explicar ao Armandinho como funcionava a ironia. Todavia, esta é apenas uma das formas de marcação da ironia, que foi inclusive apontada por Marques (2016).

As aspas foram objeto da Authier-Revuz (2004) a partir de um ponto de vista linguístico-enunciativo. A autora evidenciou que as aspas revelam um tipo de heterogeneidade enunciativa e têm a função de desempenhar uma reflexão metaenunciativa do dizer. Em um alargamento dessa noção, Brito, Cabral e Morais (2017) investigaram sobre as funções argumentativas que as aspas podem desempenhar no texto.

As autoras revelam que as aspas são um recurso gráfico que desempenha um papel relevante na construção e expressão da ironia. Quando usadas de forma adequada, as aspas contribuem para indicar que determinada palavra ou expressão está sendo

empregada com uma significação diferente daquela que normalmente lhe é atribuída no contexto literal.

A função das aspas na ironia é essencialmente metaenunciativa, ou seja, elas refletem sobre o próprio ato de enunciar (Authier-Revuz, 2004). Ao utilizá-las, o autor ou locutor sugere ao leitor ou ouvinte que há um distanciamento entre o que está sendo dito e o que realmente se quer comunicar. Essa distância entre o significado literal e o significado irônico é crucial para o efeito humorístico e crítico da ironia.

As aspas podem ser empregadas de diversas maneiras na ironia, tais como:

Marcando o sentido oposto: quando uma palavra ou frase é colocada entre aspas, indica-se que o locutor não está aderindo ao significado usualmente aceito daquela palavra, mas sim usando-a de forma irônica para expressar o contrário do que a palavra normalmente representa. Como no exemplo: *"amável" senhor*, em um contexto em que o locutor está se referindo a alguém que não é de fato amável.

Sarcasmo ou crítica disfarçada: as aspas podem ser usadas para expressar sarcasmo ou crítica de forma mais velada, permitindo que o locutor se distancie da declaração irônica. Por exemplo: *o político "honesto" não se preocupou em responder às perguntas dos jornalistas*.

Desqualificação de termos: as aspas também podem ser usadas para mostrar descrença ou desqualificação em relação a um termo ou expressão: *Essa "brilhante" ideia resultou em desastre total*.

Ironia dentro da ironia: Em alguns casos, as aspas podem ser usadas para indicar uma ironia dentro de outra ironia, aumentando a complexidade e o efeito humorístico do enunciado.

Em nossa pesquisa, enfatizaremos que o emprego de aspas na ironia pode variar conforme o contexto e a intenção do locutor. Além disso, é crucial que haja uma interação na qual locutor e interlocutor estejam familiarizados com o contexto para uma compreensão precisa do sentido irônico pretendido, conforme destacado por Hutcheon (2000). Do contrário, a ironia pode ser mal interpretada ou passar despercebida.

Charaudeau e Maingueneau (2008) discutem a ironia sob quatro perspectivas: a ironia como tropo, a ironia como menção, a ironia como polifonia e a ironia como paradoxo.

No que concerne à ironia como tropo, consoante com a Kerbrat-Orecchioni (1980), os autores destacam como uma antífrase, em que há um desacordo entre o sentido literal e o figurado. De modo que “só é possível se a enunciação fornece *índices* da ironia;

pode ser no próprio conteúdo [...] ou por outros meios: na oralidade, por uma entonação ou uma mímica particulares, na escrita, por reticências, pelo recurso ao *itálico*.” (Charaudeau e Maingueneau, 2008, p. 291).

Em conformidade com Sperber e Wilson (1978), os teóricos explicam que a ironia como uma menção está fundada na autonímia. Para esta teoria, a ironia funcionaria como um tipo de citação que permitiria ao locutor mencionar o ponto de vista de uma personagem desqualificada que citaria algo ostensivamente desarticulado em relação ao contexto.

A ironia é tratada como um fenômeno comunicativo complexo, envolvendo processos inferenciais na compreensão do seu significado. Segundo esses autores, a ironia é um exemplo de comunicação ostensiva, ou seja, uma forma de comunicação em que o locutor faz uma declaração ostensiva (aparente) que pode ser interpretada como um enunciado não ostensivo (com significado implícito).

Na perspectiva de Sperber e Wilson, a ironia funciona por meio de implicaturas conversacionais, que são inferências adicionais que os interlocutores fazem além do significado literal do enunciado. A implicatura conversacional ocorre quando há uma discrepância entre o sentido literal e o sentido pretendido do enunciado, e os interlocutores captam essa discrepância para entender o verdadeiro significado da mensagem.

Os autores propõem que a ironia é construída com base em um princípio de relevância, ou seja, os interlocutores esperam que a comunicação seja relevante para a conversa em curso e que a informação seja transmitida de forma eficiente e significativa. Quando a ironia é usada, os ouvintes desviam a atenção do sentido literal e buscam o sentido implícito, que é mais relevante para a interpretação do enunciado.

Um exemplo simples de ironia, que pode ser analisado a partir da perspectiva de Sperber e Wilson, é o seguinte:

Situação: Em um dia de chuva torrencial, João está encharcado e diz:

Enunciado:

Exemplo 09

"Ótimo dia para passear no parque, não é?"
--

Nesse caso, o sentido literal do enunciado é contraditório com a situação presente (dia de chuva), mas os interlocutores captam a ironia e inferem que João, na verdade, está criticando o mau tempo e o absurdo de passear no parque em uma condição tão desfavorável.

Segundo Sperber e Wilson, a compreensão da ironia é facilitada pelo contexto comunicativo, conhecimento compartilhado entre os interlocutores e suas expectativas em relação ao propósito da mensagem. A ironia, portanto, envolve uma interação complexa entre o enunciador, o enunciado e o contexto, exigindo inferências adicionais por parte dos ouvintes para chegar ao verdadeiro significado pretendido pelo locutor.

A abordagem de Sperber e Wilson sobre a ironia tem sido amplamente discutida em estudos posteriores sobre comunicação e linguagem, oferecendo uma perspectiva relevante e profunda para a compreensão desse fenômeno comunicativo. Todavia, não vamos adotar a condução metodológica dos autores, que usam o caminho das explicaturas para tratar da teoria da relevância. As constatações a que chegam Sperber e Wilson são, no entanto, muito condizentes com a ideia de que a ironia é uma implicatura conversacional, que gera propositalmente um sentido a mais oposto ao significado convencional. Essa base de definição é muito importante para a nossa pesquisa.

Para Charaudeau e Maingueneau (2008), a ironia pode ser analisada sob duas perspectivas distintas: a ironia como polifonia e a ironia como paradoxo. Ambas abordagens fornecem esclarecimentos valiosos sobre as complexidades e nuances desse recurso linguístico.

A ironia como polifonia refere-se à presença de vozes e pontos de vista múltiplos no “discurso irônico”. Nesse contexto, a ironia não é vista como uma simples declaração com um único significado, mas como um espaço de diálogo em que diferentes vozes podem ser identificadas. Essas vozes podem ser as do próprio locutor, as de personagens fictícios ou as de vozes sociais e culturais que permeiam o discurso. Ao adotar uma abordagem polifônica, os autores reconhecem que a ironia pode ser uma forma de interação complexa e que envolve uma ampla gama de perspectivas e significados. A ideia de que o ato de ironia revela um jogo de vozes é inteiramente aceita neste trabalho, ainda que não seja de nosso interesse focalizar o contraste interdiscursivo em cada interação.

Já a ironia como paradoxo, com base em Berrendonner (1981), diz respeito à natureza contraditória do discurso irônico. Nessa abordagem, a ironia é vista como um paradoxo, pois o locutor parece negar sua própria enunciação, mas, ao mesmo tempo, mantém uma intenção subjacente que é captada pelo ouvinte. Essa aparente negação pode criar uma tensão entre o que é dito e o que é pretendido, resultando em uma mensagem irônica que requer uma interpretação mais profunda e sensível por parte do interlocutor.

Em outras palavras, o locutor invalida sua própria enunciação, mas o ouvinte é capaz de perceber que essa invalidação é intencional e que há um significado subjacente mais complexo e irônico. A ironia como paradoxo desafia a ideia de que a linguagem é sempre clara e direta, revelando que as nuances e as entrelinhas podem ser cruciais para a compreensão completa de uma mensagem irônica. Para a nossa pesquisa interessa dizer que o traço semântico da oposição de sentidos é fundamental para a caracterização de ironia que este trabalho adota, com base em Hutcheon. A seguir, nos detemos a apresentar a abordagem da ironia por Brait (2008).

3.2 Ironia como interdiscurso, segundo Brait

Beth Brait (2008) inicia apresentando ao leitor o que a moveu para a realização de sua investigação sobre ironia, que resultou no livro *Ironia em perspectiva polifônica*, ressaltando o modo como o fenômeno irônico multiplica suas faces e suas funções configurando inúmeras estratégias de compreensão e representação do mundo. A autora evidencia que a ironia, apesar de seu efeito humorado, resulta de um conjunto de procedimentos discursivos que podem manifestar-se em qualquer tipo de texto. Entretanto, segundo Hutcheon (2000), nem sempre ocorre humor, embora a ironia e o humor estejam fortemente relacionados. Para a autora, a fusão entre ironia e humor é apontada como um conceito equivocado.

Em sua abordagem teórica, Brait (2008) concebe a ironia como uma forma particular de interdiscurso. Estabelece assim a ironia “[...] como uma argumentação direta e indiretamente estruturada, como paradoxo argumentativo, como afrontamento de ideias e de normas institucionais, como instauração da polêmica ou mesmo como estratégia defensiva.” (Brait, 2008, p.73). Considera a ironia como uma estratégia de linguagem que pode vir a contribuir para o que atribui como “dessacralização do discurso oficial” (Brait, 2008, p.16), ou seja, revela uma dita objetividade em discursos considerados como neutros. Vale perceber que Brait salienta o aspecto polifônico da ironia, mas também chama a atenção para efeitos possíveis da ironia.

A abordagem que a cientista faz da ironia baseia-se no dialogismo bakhtiniano. O princípio dialógico é um fenômeno interativo da dimensão da linguagem e do discurso, que também está presente na polifonia, sendo que, no texto polifônico, o diálogo entre as diferentes vozes é evidenciado, em contraposição ao texto monofônico, em que o diálogo destas vozes se oculta sob a máscara de uma única voz. Desse modo,

segundo Brait (2008), a ironia é um fenômeno que por meio do dialogismo apresenta uma estratégia causadora de efeitos de sentido determinados pela necessidade social dos interlocutores e que contribui para a mobilização das muitas vozes, por conseguinte instaurando a polifonia.

Ademais, a pesquisadora toma a ironia como um procedimento, além de interdiscursivo, também intertextual. Isto posto, Brait (2008), a partir de sua perspectiva discursiva sobre o procedimento irônico, concebe que “a intertextualidade, que pode ser uma das denominações para algumas formas de discurso reportado, assume no discurso uma função crítica, quer para estabelecer um perfil da vítima, do alvo a ser atingido, quer para assinalar polos de abertura (p.72)”. De acordo com a teórica, a ironia é um mecanismo que, através do dialogismo, apresenta um paradoxo argumentativo cuja função é modificar uma ideia, polemizar ou mesmo se defender.

Não adotaremos, no entanto, o pressuposto de intertextualidade apresentado, uma vez que a concepção de intertextualidade da autora difere do que adotamos em L T, fundamentados em Carvalho (2018), dentre outros.

Brait (2008) debruçou-se sobre a reflexão do procedimento irônico em discursos literários e jornalísticos, focando no humor como uma categoria ampla, ao passo que estes discursos não eram privilegiados como objeto de análise frente aos que nomeia de “discursos expressivos”, como a poesia, o teatro e a publicidade. Outro ponto destacado pela pesquisadora acerca da delimitação do *corpus* é o de que comumente as análises são restritas ao nível frástico ou a recortes textuais, todavia em raras exceções são investigadas “como elemento estruturador de uma unidade textual longa como um capítulo, um romance ou complexa como uma página de jornal” (Brait, 2008, p.17).

No que tange a esta concepção analítica, concordamos com Brait (2008) ao defender que o procedimento irônico “[...] configura uma estrutura que, de alguma forma, depende da referência contextual, o que elimina a possibilidade de compreender a ironia unicamente no nível da frase” (Brait, 2008, p. 142). Esse é um dos motivos que nos levaram a adotar essa perspectiva em nossa pesquisa. Ademais, o que foi postulado por Brait (2008) converge para as ideias de Hutcheon (2000), por isso é possível articular.

Soma-se a isso a condição de que a ironia seja tomada “necessariamente como texto, isto é, como unidade de significação, como dimensão contextualizada” (Brait, 2008, p. 142), assim consideraremos como a linguista e como Hutcheon (2000) o contexto histórico-social em que a ironia foi produzida.

Brait (2008) articula duas outras dimensões que se entrecruzam. A primeira se refere à dimensão da interação entre o ironista, o texto e o interpretador. A construção de sentido da ironia depende do contexto, ou seja, para que a ironia seja compreendida, os participantes da interação têm que reconhecer as referências. A segunda dimensão diz respeito à interação entre o dito e o não dito; trata-se de um movimento entre a presença e a ausência de sentido, como em um jogo de implícitos.

O locutor, ao lançar um discurso irônico, o coloca em evidência, de modo que deixa entrever seu ponto de vista, como uma estratégia persuasiva. Em vista disso, para que o ato seja irônico, todos os elementos contextuais “[...] promovem no plano da significação uma cumplicidade entre o enunciador e o enunciatário” (Brait, 2008, p. 75), de forma que o interlocutor possa compreender que o texto é a tradução de um desejo, não de uma realidade. Desse modo, consideramos que a ironia só se concretiza com o interlocutor, mas, mesmo que um interlocutor não construa o sentido, outros sujeitos interpretadores poderão construir.

Ao remeter-se à abordagem filosófica, a autora ressalta que, embora tenhamos com a obra de Aristóteles a inauguração do cômico e da ironia como um marco da noção tradicional, é em Sócrates que temos o primeiro modelo de comportamento irônico. Desse modo, considera que a ironia deve ser estudada a partir das atitudes filosóficas de Sócrates e do modo como Platão e Aristóteles nos apresentaram ao seu pensamento. A esse respeito, Brait (2008) ressalta que “diferentes vozes, Sócrates, Platão, Aristóteles e diversos interlocutores foram representados por estratégias de linguagem, por mecanismos discursivos de produção, recepção e interpretação dos diálogos (Brait, 2008, p. 29-30)”.

Nesse sentido, a linguista pontua que o conceito de ironia como atitude deve considerar:

- a) seu caráter inaugural em relação ao estudo desse fenômeno e sua persistência em diferentes domínios;
- b) a possibilidade do aproveitamento dessa concepção em determinados discursos de configuração irônica, com base no instrumental e em sua interpretação pragmática;
- c) a articulação das concepções atitude-construção verbal, a partir de uma perspectiva enunciativa (Brait, 2008, p.30).

A respeito desse ponto, é relevante destacar que não adotaremos a ironia como atitude, seguindo a abordagem de Brait. No entanto, consideramos importante

apresentar a completa abordagem realizada pela autora e as diversas formas de ironia abordadas.

Ademais, pondera sobre a contribuição de Henri Bergson que direciona a ironia para o campo da linguagem diferentemente do percurso que estava sendo seguido de reflexões essencialmente realizadas no campo filosófico. Outra contribuição de Bergson foi com o conceito de interferência de séries, quando um mesmo texto puder guardar mais de uma interpretação, contribuindo, assim, para o efeito irônico.

Para exemplificar, a autora apresenta a manchete da primeira página do jornal Folha de S. Paulo², datada de 07 de janeiro de 1991, com os dizeres destacados “Governo apela ao setor privado para evitar descontrolado” (p.44), acompanhado de uma foto do na época presidente do Brasil, Fernando Collor, em uma pose descontraída e em trajes desportivos:

Figura 06 - Primeira página do jornal Folha de S. Paulo de 1991



Fonte: Brait (2008, p.44)

Brait em sua análise destaca a ambiguidade provocada pela disposição da imagem de Collor após uma atividade física com a manchete vinculada. Ressalta ainda que o sujeito do enunciado que recebe enfoque na manchete é o termo “governo”, ao

² Respeitaremos a grafia do nome do jornal.

passo que na foto, em primeiro plano da página, tem-se como assunto principal, a figura do então presidente da República, logo o sujeito.

Desse modo, se constrói um paralelismo, a partir da ação desses dois sujeitos, que são dois componentes de um mesmo actante. Neste paralelismo, temos:

a) [governo] *apela* ao setor privado para evitar *descontrole*;

b) [presidente Collor] de braços abertos [apelo] posa em flagrante descontrole de postura” (Brait, 2008, p.45, grifos da autora).

Assim, a figurativização verbal e visual do apelo, ligada ao mesmo sujeito, sugere a imagem do descontrole.

Portanto, a escolha feita pela disposição da fotografia com a manchete, permite ao interlocutor a possibilidade de associar a imagem à notícia veiculada, quando as duas abordam temas distintos. A pesquisadora salienta que essa opção evidencia um enunciador criativo e crítico, que argumenta indiretamente por intermédio da ironia, bem como do humor.

Diante disso, acreditamos, na esteira do que aponta Brait (2008, p.46), que “o recurso ao lúdico, a interferência de séries, o diálogo entre discursos e textos são, em geral, utilizados com a finalidade de denúncia, de crítica a atitudes entrevistadas, mas não necessariamente explicitadas”, isto é, a predileção pelo humor e a sátira permitem a articulação de uma crítica implícita.

Nesse panorama, acerca da ironia no campo psicanalítico, a teórica pontua que para Freud o ironista diz o oposto do que aponta, no entanto, deixa entrever na mensagem um sinal para o interlocutor de sua intenção. Brait (2008) nos explica que Freud considera além do locutor e do processo instaurador da ironia, também o ouvinte, concebendo todo o conjunto a partir de uma abordagem que integra precipuamente, mas não de modo exclusivo, os aspectos produzidos pelo inconsciente.

Assim, segundo a linguista, Freud designa que a principal técnica da ironia é a “representação pelo contrário” (p.57). Nesta esteira, a concepção freudiana da ironia defende que esta só acontece quando o interlocutor está preparado para compreender o contrário, atuando como um diálogo ou uma interlocução dos inconscientes. Brait (2008) justifica que esta discussão em torno das reflexões da filosofia e da psicanálise a respeito da ironia são necessárias, pois contribuem para a concepção das dimensões ideológica e subjetiva que são constitutivas do discurso.

À luz dos estudos pragmáticos, Brait (2008) salienta as pesquisas empreendidas por Catherine Kerbrat-Orecchioni. No que concerne às pesquisas

realizadas pela pesquisadora francesa, Brait (2008) destaca três elementos como componentes centrais da ironia, sendo eles: o ilocutório, o linguístico e o actancial. Brait (2008) salienta que Kerbrat-Orecchioni toma a ironia como uma atividade dupla, na qual é descrita uma ação presente do locutor, por intermédio da enunciação, que tem por escopo a realização dessa ação.

Para Brait (2008), a ironia precisa ser lida por uma dupla leitura, isto é, tanto linguística como discursiva. E é por meio dessa dupla leitura que o enunciado irônico cinge formas de interação entre os sujeitos, do mesmo modo que a relação com o objeto da ironia e com as estratégias linguístico-discursivas que colocam em movimento o processo.

Sobre como se realiza a ironia e como este fenômeno chama a atenção no que se refere ao enunciado, a linguista pondera que

O ironista, o produtor da ironia, encontra formas de chamar a atenção do enunciatário para o discurso e, por meio desse procedimento, conta com sua adesão. Sem isso a ironia não se realiza. O conteúdo, portanto, estará subjetivamente assinalado por valores atribuídos pelo enunciatário, mas apresentados de forma a exigir a participação do enunciatário, sua perspicácia para o enunciado e suas sinalizações, por vezes extremamente sutis. Essa participação é que instaura a intersubjetividade, pressupondo não apenas conhecimentos partilhados, mas também pontos de vista, valores pessoais ou cultural e socialmente comungados ou, ainda, constitutivos de um imaginário coletivo. É a organização discursivo-textual que vai permitir esse chamar a atenção sobre o enunciado e, especialmente, sobre o sujeito da enunciação (Brait, 2008, p.138-139).

Brait (2008) sublinha que todos os elementos mencionados, possivelmente são a base de uma perspectiva discursiva da ironia. Outro ponto destacado pela teórica é o de que a ironia pode assumir um papel de desmascaramento por meio da denúncia, da argumentação indireta, ainda da ruptura com elementos estabelecidos.

Ademais, a ironia é recorrente nos discursos literários, todavia não só, conforme pode ser visto na análise feita pela autora também nos textos jornalísticos. Contudo, Brait (2008) salienta que “isso não significa que a ironia serve unicamente a propósitos nobres. Nada impede que um texto irônico tenha por função manipular e conquistar a adesão de seus leitores para causas menos dignas, como acontece com os discursos racistas, por exemplo” (p.140).

Neste ponto, destacamos que não intencionamos fazer uma análise argumentativa da ironia, ainda que, inevitavelmente, lide com ela. Nosso estudo se preocupa em analisar os traços semântico-contextuais da ironia no X (Twitter) e suas

arestas críticas, considerando o contrato comunicativo em cada texto e refletindo sobre traços do fenômeno que convergem para a abordagem teórica da Linguística Textual.

Brait ressalta que, independente da estratégia adotada ao usar a ironia, é necessário que este processo conte com a participação do leitor, ouvinte ou espectador. Ainda pontua que, para haver ironia, tem-se essencialmente a opacificação do discurso, isto é, “um enunciador produz um enunciado de tal forma a chamar a atenção não apenas para o que está dito, mas para a maneira de dizer e para as contradições existentes entre as duas dimensões” (Brait, 2008, p.140).

3.3 Abordagem enunciativa da ironia, pelas heterogeneidades.

Apoiando-se em pressupostos da teoria psicanalítica freudo-lacaniana, bem como no dialogismo de Bakhtin, Authier-Revuz (1990, 1982) sistematiza um campo para a descrição e análise das formas da língua, por meio das quais o sujeito negocia com a alteridade, que atravessa inevitavelmente o seu dizer.

A noção de sujeito postulada pela pesquisadora é de um sujeito que não é totalmente intencional e sim descentrado em sua origem. Nesse viés, Authier-Revuz convoca a teoria freudo-lacaniana para demonstrar a divisão de vozes enunciativas de uma fala essencialmente heterogênea e de um sujeito dividido em sua estrutura (Brito *et al.*, 2017).

Nessa esteira, os estudos recentes em LT no Brasil, em específico os que são realizados pelo grupo de pesquisa Prottexto e pelo grupo GELT têm defendido uma interface teórica entre os pressupostos fundamentais da LT e o aparato teórico da Linguística da Enunciação, de Authier-Revuz (1982, 1990, 1998, 1999, 2004, 2008, 2015).

As investigações sobre as heterogeneidades enunciativas, conforme definidas por Authier-Revuz (1982), ganham destaque dentro da perspectiva teórica da Linguística Textual (LT), especialmente a partir das análises de Brito (2010). Esta estudiosa examinou, por meio dos processos interpretativos, as marcas linguísticas do atravessamento do Outro no fio discursivo, adotando critérios como as heterogeneidades constitutiva e mostrada, subdividindo esta última em mostrada marcada e mostrada não marcada. Outra contribuição significativa originou-se do trabalho de Fonseca (2011), que explorou os usos argumentativos da heterogeneidade enunciativa ao propor uma abordagem retórica para as não coincidências do dizer.

A partir dessas bases, desdobraram-se pesquisas adicionais, incluindo estudos de Brito (2016); Brito, Falcão e Santos (2017); Brito, Cabral e Moraes (2017); Brito e Pinheiro (2018); Pinheiro et al (2020); e Pinheiro (2023). Contudo, não nos deteremos nestes trabalhos, uma vez que este referencial não será utilizado em nossas análises. No entanto, é imperativo explorar, em nossa pesquisa, o trabalho de Authier-Revuz (1990), que discorre sobre as heterogeneidades na ironia.

Nessa perspectiva, dois conceitos-chave de sua teoria merecem destaque: o de heterogeneidade constitutiva e o de heterogeneidade mostrada. A primeira refere-se à natureza dialógica e não unívoca dos textos, ao passo que a segunda é a manifestação das vozes que ecoam no texto, que podem reverberar de modo marcado, como nas vozes reportadas, ou não marcado, como na alusão, no lapso de linguagem ou na ironia.

Todavia, Brito (2010) aponta uma problemática para esta distinção apresentada pela linguista francesa, pois para a cientista brasileira faz-se necessária a inclusão de fenômenos de natureza não estritamente formal entre os fatos de linguagem tidos como marcados.

Ademais, Brito (2010) argumenta que o que Authier-Revuz considera como marca é apenas a sinalização tipográfica e, por vezes, léxico-gramatical realizada pelo locutor ao verificar a presença da alteridade em seu discurso. Desse modo, são tidas como formas de marcação as aspas, o negrito, o itálico, entre outros recursos.

Nos termos de Authier-Revuz (1990), a ironia pertence à heterogeneidade mostrada, integrando as que se referem à não marcada. Soma-se a este grupo o discurso indireto livre, o pastiche, a imitação. Para a cientista, nestas ocorrências o outro é dado a discernir sem a marcação unívoca, assim se caracterizando como um jogo de risco. Conforme destaca:

Efetivamente, as formas não marcadas da heterogeneidade mostrada – discurso indireto livre, ironia... de um lado, metáforas, jogos de palavras... de outro lado – representam, pelo continuum, a incerteza que caracteriza a referência ao outro, uma outra forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva; uma forma mais arriscada, porque joga com a diluição, com a dissolução do outro no um, onde este, precisamente aqui, pode ser enfaticamente confirmado mas também onde pode ser perder (Authier-Revuz, 1990, p.34).

Assim, Authier-Revuz trata a ironia como um jogo incerto porque o outro pode compreender a intenção do seu interlocutor ou se perder no que foi dito.

Ao discutir sobre a interdiscursividade irônica, Brait (2008) salienta que o percurso traçado confere à ironia traços que reforçam a ambivalência de significação, a

dupla isotopia e a confluência enunciativa. Assim sendo, incorpora estratégias discursivas, como a encenação do já-dito, que se articula ironicamente como em um jogo que se estabelece entre um texto e as presenças constitutivas de seu interior.

Portanto, alicerçada nas concepções teóricas de Authier-Revuz (1991) sobre as formas de não-coincidências do dizer, Brait (2008) as inter-relaciona com enfoque no processo irônico centrado no interdiscurso. Para tanto, detalha cada uma das quatro não-coincidências.

No que concerne à primeira, qualificada como não-coincidência interlocutiva existente entre enunciador e destinatário, Brait (2008) nos explica que Authier-Revuz dispõe sobre as distintas formas de comentário que concebem o fato de uma palavra, um modo de dizer, ao não ser partilhado pelos dois protagonistas de uma enunciação, constituir uma ameaça à interação.

Sobre o assunto mencionado, a teórica destaca que a não-coincidência interlocutiva está sendo utilizada como uma forma de promover a convivência, o que leva o discurso irônico a produzir e articular de forma específica o emissor, o já-dito e o receptor da mensagem.

A segunda não-coincidência é a não-coincidência do discurso consigo mesmo, a que se refere a presença estrangeira de palavras apontadas como atinentes a um outro discurso (Authier-Revuz, 1991). Brait (2008), ampliando para a estruturação do discurso irônico, pondera que, assim como para a recuperação do já-dito, no qual é preciso não somente a identificação por parte do receptor, mas a sua competência interpretativa, o mesmo ocorre com a ironia. Dessa forma, a autora aponta que esta compreensão da referência é a primeira condição para a realização do efeito irônico, sendo a segunda condição, a interpretação da referência presente em um outro contexto, em um outro discurso.

A terceira concerne à não-coincidência entre as palavras e as coisas (Authier-Revuz, 1991). Com vista ao efeito irônico, Brait (2008) fundamenta que, no momento em que um narrador persiste em entrepor “incisos ao que está sendo narrado, interrompendo a linearidade sintagmática para apontar para a maneira como está atento à pertinência existente entre o que está sendo narrado e a forma de narrar, certamente ele poderá fazê-lo de forma a atrair a atenção do leitor para a enunciação” (p.146). Neste ponto, destaca que a ilusão desse narrador sobre seu domínio, bem como o seu controle da relação existente entre as palavras e as coisas, pode ser citada como exemplo de forma de ironizar, com base nessa não-coincidência entre as palavras e as coisas.

A última forma designada por Authier-Revuz (1991) é a não-coincidência das palavras com elas mesmas. Sobre essa não-coincidência, Brait (2008) acrescenta que o processo irônico parece sumará-la, pois, não havendo comentários que qualifiquem a rejeição ou a aceitação, a dupla enunciação da ironia reflete esse processo e impõe sua percepção por parte do interlocutor.

Portanto, Brait percorre as principais perspectivas sob as quais a ironia vem sendo investigada, amarrando a parte teórica com a analítica. Aufere um feito admirável, ao compilar como poucos, em um único espaço, diferentes definições para o fenômeno da ironia, colaborando com todos aqueles que desejam investigar sobre este inquietante recurso de linguagem. Essa resenha nos parece relevante para dar ao fenômeno da ironia uma visão ampla das diferentes abordagens teóricas que já trataram dela. Entretanto, não faz parte de nossa metodologia identificar tipos de ironia que revelem os quatro tipos de não coincidências do dizer. Após essa explanação sobre as perspectivas linguísticas, passemos para a abordagem de Hutcheon (2000) sobre a ironia, que reúne os critérios que respaldam nossa análise.

4. A IRONIA SEGUNDO O PONTO DE VISTA DE HUTCHEON (2000) – A PERSPECTIVA DA CRÍTICA LITERÁRIA

Inserida na tradição da crítica literária, Hutcheon (2000) debruçou-se sobre os efeitos da ironia na pós-modernidade. Incomodada com a lacuna sobre recepção da ironia, a teórica propôs uma abordagem do fenômeno irônico como aresta crítica e como acontecimento. A autora busca compreender como e por que a ironia acontece no evento comunicativo. A isso, acrescenta que sua investigação se interessa pelo funcionamento da ironia em contexto.

Nossa definição de ironia vem de Hutcheon (2000, p.28), para quem “a ironia é a transmissão intencional tanto da informação quanto da atitude avaliadora além do que é apresentado explicitamente”. A autora não adota uma perspectiva “intencionista” da ironia, porque reconhece a relevância também de quem a interpreta no contexto, como um agente que desempenha uma ação de atribuir sentidos com propósitos particulares em situações específicas: “Atribuir ironia envolve, assim, inferências tanto semânticas quanto avaliadoras. A aresta avaliadora da ironia nunca está ausente e, é verdade, é o que faz a ironia trabalhar diferentemente de outras formas com as quais ela parece ter semelhança estrutural (metáfora, alegoria, trocadilhos)” (p.29).

A teórica concentra-se na análise do fenômeno irônico, explorando sua utilização em situações reais de comunicação entre indivíduos. Em outras palavras, ela investiga como a ironia se manifesta em enunciados concretos e verdadeiros. Nesse sentido, a pesquisadora enfatiza que a ironia só existe de fato na interação, quando o público a compreende.

O seu enfoque investigativo recai em “tentar entender como e por que a ironia é usada e entendida como uma prática ou estratégia discursiva e começar a estudar as consequências tanto de sua compreensão quanto de seu malogro” (Hutcheon, 2000, p. 18). Em outros termos, a preocupação da cientista canadense são os efeitos discursivos da ironia na interação, o seu efeito no contexto, na “cena” social e política, afastando-se do meio formalista de tratar a ironia como um tropo isolado, mas analisá-la como um “tópico político”.

Nesta esteira, destaca sobre a importância do estudo do tema, uma vez que

Diferentemente da metáfora e da alegoria, que necessitam de uma suplementação similar de sentido, a ironia possui uma aresta avaliadora e consegue provocar respostas emocionais dos que a “pegam” e dos que não a

pegam, assim como dos seus alvos e daqueles que algumas pessoas chamam de suas vítimas (Hutcheon, 2000 p. 16).

Desse modo, a aresta avaliadora e a emoção, como respostas, são pontos importantes para compreendermos a proposta de Hutcheon (2000). Nesse viés, a autora pondera que a ironia é interpretada e, por vezes, avaliada conforme os usos que lhes são dados.

Na teorização de Hutcheon (2000), a ironia é tida como uma estratégia discursiva que opera no nível da linguagem. Contribui com os estudos sobre este fenômeno ao conceber a ironia como acontecimento que diz respeito ao fato de a ironia precisar de alguém para fazê-la acontecer, isto é, para Hutcheon (2000), o fenômeno irônico só ocorre a partir da interpretação de outrem como sendo uma ironia, pois “a ironia não é ironia até que seja interpretada como tal” (Hutcheon, 2000, p. 22-23).

Todavia, salienta que não se pode restringir isso à uma leitura simplificada, pois a ironia acontece somente no discurso, sendo este compreendido pela autora como “formas de prática social, de interação entre participantes em situações particulares” (Hutcheon, 2000, p. 134).

Sendo assim, para a proposta teórica de Hutcheon (2000), as dimensões semântica e sintática da ironia são indissociáveis dos aspectos sociais, históricos e culturais no que concerne ao contexto de uso e à atribuição do fenômeno irônico. Nesse viés, a autora canadense dimensiona, dentro da sua teoria literária da ironia, o procedimento irônico como necessariamente interacional.

Isto posto, Hutcheon (2000) argumenta que, ao contrário do que é apontado nos estudos anteriores sobre a ironia, o procedimento irônico ora reside somente na intenção do ironista, ora não, por isso a ironia é um modo de ler cujo dever é específico do interpretador. A ironia assume relações dinâmicas e plurais entre o texto, incluído o seu contexto, o ironista, o interpretador e as circunstâncias que cercam a situação discursiva. Desta maneira, a teórica dialoga com Muecke (1995) ao considerar a ironia como um jogo para dois, onde os principais participantes são o interpretador e o ironista.

O interpretador é visto por Hutcheon (2000) como o responsável pela busca de estabelecer uma relação irônica entre o dito e o não dito. Assim, com base nas teorias sociointeracionistas, a teórica busca observar o fenômeno irônico não apenas no locutor, mas na dinâmica interacional estabelecida entre este e seu interlocutor, por meio do texto.

A pesquisadora argumenta em favor de que tanto os conhecimentos de contexto, como as regras e os intertextos, partilhados por uma comunidade discursiva

habilitam os participantes a desempenharem o que atribui como jogadas de comunicação indireta, às quais a ironia pertence. Logo, a ironia é concebida pela teorização da autora como um processo pelo qual se é moldado culturalmente, além disso, ressalta que a ironia tem uma ambiguidade que lhe é constitutiva:

A ironia, então, significará coisas diferentes para diferentes jogadores. Do ponto de vista do *interpretador*, a ironia é uma jogada interpretativa e intencional: é a criação ou inferência de *significado* em acréscimo ao que se afirma – e diferentemente do que se afirma – com uma atitude para o dito e o não dito. A jogada é geralmente disparada (e, então, direcionada) por alguma evidência textual ou contextual ou por marcadores sobre os quais há concordância social. Entretanto, do ponto de vista do que eu também (com reservas) chamarei de *ironista*, a ironia é a transmissão intencional tanto da informação quanto da atitude avaliadora além do que é apresentado explicitamente. (Hutcheon, 2000, p. 28 grifos da autora)

Hutcheon (2000) defende que “o que pertence a um contexto é determinado pelas estratégias de interpretação” (Hutcheon, 2000, p. 209), ademais, “os enquadramentos mudam os contextos”. Deste modo, propõe que devemos “tentar pensar não em contexto, mas no enquadramento de signos: como os signos são constituídos (enquadrados) por várias práticas discursivas, arranjos institucionais, sistema de valores, mecanismos semióticos?” (p. 209).

Assim sendo, por conceber a ironia como acontecimento, a teórica vai refletir, sobretudo, em como o interpretador vai operar ou não o enquadramento de determinados dizeres como irônicos e fazê-los (ou não) acontecer efetivamente, não deixando, todavia, de observar se o texto oferece (ou não) as indicações de que uma interpretação irônica é possível.

Também o ironista articula tais indicações de modo que o enquadramento irônico possa ou deva ser ativado. Por isso, a pesquisadora conduz seu trabalho por meio da seguinte questão: como é que o interpretador sabe quando (e como) enquadrar uma elocução dessa maneira (irônica)? A autora constata que:

geralmente existe algo que sugere um enquadramento e, assim, um contexto no qual a ironia pode acontecer. A dificuldade é que esse algo pode diferir para cada interpretador ou pode nem mesmo existir para outros. (...) mesmo sinais sobre os quais existe concordância (tais como um ar de desprezo ou um exagero grosseiro das afirmações) ainda são social e culturalmente codificados. (Hutcheon, 2000, p. 213).

No entanto, não podemos perder de vista a origem etimológica da ironia (*eiron*), isto é, como fingimento, muito menos podemos ignorar o caráter estratégico da ironia, por causa de sua ambiguidade, em ambientes conflituosos, conforme é salientado por Hutcheon (2000). Deste modo, ainda que haja marcadores que indiquem um

enquadramento irônico dos dizeres, em determinadas situações o ironista pode optar por proteger-se por meio da ambiguidade constitutiva da ironia, cabendo a este não “sinalizá-la”.

A autora apresenta características importantes da ironia que ajudam a compreender a complexidade e a abrangência desse recurso comunicativo. Segundo Hutcheon, qualquer aspecto da fala, como palavras usadas (lexical), a estrutura das frases (sintático) ou até mesmo a entonação e o ritmo (fonético), pode ser um marcador de ironia, mas não necessariamente é. Ou seja, não há uma fórmula fixa para identificar a ironia apenas com base em aspectos linguísticos, pois estes também podem ser utilizados de forma não irônica, dependendo do contexto.

Essa característica torna a ironia uma forma de comunicação ambígua, exigindo que os interlocutores levem em conta o contexto em que está inserida para interpretá-la adequadamente. O entendimento da ironia, portanto, depende de uma análise mais profunda do texto, das relações sociais, das intenções do locutor e do provável interpretador.

Elencamos a seguir alguns aspectos da ironia que devem ser levados em consideração:

Multifacetada: a ironia pode ser expressa de várias maneiras, envolvendo qualquer aspecto da fala, como palavras, estrutura das frases e entonação. No entanto, não existe uma fórmula fixa para identificá-la apenas com base em aspectos linguísticos, sendo necessária uma análise mais aprofundada do contexto.

Ambígua: a ambiguidade é uma característica intrínseca da ironia. Ela não é uma forma de comunicação direta e explícita, mas sim uma expressão sutil de significados não literais, exigindo que os interlocutores interpretem as intenções e o sentido pretendido pelo locutor.

Contextual: a ironia depende do contexto em que é utilizada. A compreensão da ironia está intimamente relacionada ao ambiente social, ao discurso circundante e às intenções do locutor.

Transideológica: a ironia não está vinculada a uma única perspectiva ou ideologia. Ela pode ser empregada para servir a uma vasta gama de posições políticas e interesses, podendo legitimar ou desafiar diferentes pontos de vista.

Crítica e subversiva: a natureza da ironia permite que seja utilizada como uma forma de crítica sutil, expondo contradições e questionando ideias e valores

estabelecidos. Ela pode subverter normas e expectativas sociais, permitindo a expressão de diferentes vozes e perspectivas.

Estratégica: a ironia é uma ferramenta retórica poderosa, usada com objetivos específicos. Ela pode ser empregada para criar ambiguidades, estabelecer conexões com os interlocutores, criar humor e alcançar efeitos comunicativos distintos.

Convém acentuar que, no caso da existência de marcadores, “qualquer aspecto da fala (lexical, sintático, fonético) pode ser (mas não seria necessariamente) um marcador de ironia” (Hutcheon, 2000, p. 221), porquanto “todos eles também têm funções que não são irônicas, e por isso dependem completamente do contexto para um enquadramento apropriado” (ibidem, 2000, p. 223).

Cavalcante, Brito e Faria (2023) concordam com Hutcheon no que diz respeito à ênfase de que a ironia deve ser abordada considerando toda a "cena" em que ela ocorre, ou seja, levando em conta o contexto comunicativo em que está inserida. Para as autoras, uma análise linguístico-textual da ironia é apropriada e necessária para compreender suas nuances e significados. É exatamente por isso que em nosso trabalho, nos voltamos para a análise feita a partir dos pressupostos de Hutcheon.

A autora defende que a ironia acontece como parte de um processo comunicativo, o que significa que sua compreensão está intrinsecamente relacionada às relações entre intenções e interpretações dos interlocutores envolvidos. A ironia não pode ser isolada do contexto social, cultural e discursivo em que é expressa, pois é nessa complexa rede de significados que sua natureza ambígua e crítica ganha sentido.

As características da ironia propostas por Hutcheon podem ser resumidas da seguinte forma:

1. **Aresta crítica:** a ironia tem uma conotação crítica e é frequentemente usada para questionar, desafiar ou até mesmo ridicularizar ideias, valores e normas estabelecidas. Ela permite que os locutores expressem críticas sutis sem uma abordagem frontal ou direta.
2. **Complexidade semântica:** a ironia é uma forma de comunicação complexa que envolve significados não literais. Ela pode ser expressa por meio de palavras, entonação e estrutura das frases, exigindo uma análise cuidadosa para captar suas múltiplas camadas de sentido.
3. **Intencionalidade atribuída:** a compreensão da ironia depende da atribuição de intenções ao locutor. Os interlocutores precisam interpretar o que o locutor realmente pretende comunicar, o que pode nem sempre ser evidente no enunciado irônico.

4. **Conhecimentos compartilhados:** a ironia pressupõe um certo nível de conhecimento compartilhado entre o locutor e os ouvintes. A compreensão do sentido pretendido da ironia muitas vezes requer a partilha de códigos culturais, valores e normas sociais.
5. **Marcadores textuais do contexto:** o contexto em que a ironia é expressa é fundamental para a sua interpretação. Marcadores textuais, como o uso de aspas, entonação específica ou até mesmo o contexto social da interação, podem ajudar a indicar a natureza irônica do discurso.

As características da ironia propostas por Linda Hutcheon são fundamentais para orientar a análise desse fenômeno linguístico. Ao considerar a aresta crítica, a complexidade semântica, a intencionalidade atribuída, os conhecimentos compartilhados e os marcadores textuais do contexto, torna-se possível realizar uma análise mais abrangente e precisa da ironia em suas diversas manifestações.

Ao combinar essas características com os critérios analíticos da linguística textual, é possível examinar o uso da ironia de maneira mais detalhada, identificando seus recursos linguísticos específicos, seu impacto no texto e suas implicações sociais e culturais. A análise linguística textual permite investigar como a ironia é construída no texto, como seus elementos contribuem para a criação de sentidos não literais e como ela interage com o contexto comunicativo.

Essa abordagem analítica proporciona clareza sobre as estratégias comunicativas empregadas pelos locutores, as possíveis interpretações pelos interlocutores e os efeitos discursivos alcançados pela ironia. Permite também compreender a relação entre as redes referenciais que se formam na interação, os sentidos produzidos e o contexto social, evidenciando como a ironia pode refletir e questionar dinâmicas culturais, políticas e ideológicas.

As características da ironia em conjunto com os critérios analíticos da LT constituem uma abordagem metodológica valiosa para explorar a riqueza e a complexidade desse recurso retórico, proporcionando uma compreensão mais profunda de sua natureza multifacetada e de sua função comunicativa nas interações que acontecem nas mídias sociais.

Para mais, no próximo capítulo, abordaremos sobre a contribuição de Marques (2016) ao investigar sobre este recurso da linguagem no ambiente digital.

5. A IRONIA EM INTERAÇÕES DIGITAIS

A abordagem do estudo conduzido por Marques (2016) é de particular interesse, pois a autora investiga como o fenômeno irônico se manifesta linguisticamente em ambientes digitais. Seu principal objetivo é explorar os recursos de expressão de ironia utilizados nessas interações e analisar como esses recursos se relacionam com os já identificados na literatura como potenciais indicadores de ironia.

Marques (2016) insere sua pesquisa na perspectiva interacionista dos estudos da linguagem, alinhando-se à concepção de interação proposta por Marcushi (2001), que a define como uma atividade ordenada, coordenada e intencional. A autora destaca que a interação não é aleatória nem mecânica, enfatizando a importância do contexto para a compreensão.

No âmbito digital, a autora adota a abordagem de Fragoso, Recuero e Amaral (2011), que concebem a internet como um espaço contínuo da interação humana em sociedade, sem uma clara demarcação entre o que ocorre dentro e fora da web.

Marques (2016) destaca o caráter estratégico da ironia desde sua origem, fazendo referência ao método maiêutico de argumentação de Sócrates e à longa tradição de estudos sobre o fenômeno. Ela ressalta que diversas perspectivas teóricas abordaram nuances específicas da ironia, culminando em sua própria conceituação da ironia como uma estratégia discursiva, conforme definido por Brait (2008).

A autora enfatiza que a ironia busca o outro como alvo para sua estratégia, e, dentro de uma perspectiva interacionista, é crucial considerar como o outro compreende a ironia para que a significação irônica ocorra de fato. Conforme destaca:

Por outro lado, pontuamos também que, tal como toda estratégia, a ironia objetiva o outro e, dentro de uma abordagem interacionista, é crucial considerar como esse outro compreende a ironia, ocorrendo a partir disso a efetiva significação irônica. A ironia também é, portanto, um acontecimento, tal como teoriza Hutcheon (2000), de modo que apenas no reconhecimento do intento irônico por parte de um público é que os dois sistemas de valores se friccionam e a avaliação se faz compreendida, estabelecendo-se a ironia. (Marques, 2016, p.14)

Ou seja, a ironia é tratada como um acontecimento, conforme teorizado por Hutcheon (2000), destacando que apenas no reconhecimento do intento irônico por parte do público é que os dois sistemas de valores se confrontam e a avaliação se torna compreendida.

A definição de Marques (2016), à semelhança de Hutcheon (2000), concebe a ironia como uma estratégia enunciativa construída a partir de dois sistemas de valores, dependendo da compreensão dos interlocutores para sua efetiva existência.

No que diz respeito à identificação do interlocutor da intenção irônica no texto, Marques (2016) destaca a necessidade de o ironista fornecer pistas de contextualização, seja por meio de marcadores ou estruturação, indicando que um sentido alternativo deve ser inferido e considerado para que a ironia ocorra. Como ressalta nesta passagem:

[...] para que o interlocutor reconheça o intento irônico, fazendo a ironia acontecer, o ironista deve dotar seu texto de pistas de contextualização, em forma de marcadores ou de estruturação, de que um sentido alternativo ao explicitado no dito do enunciado deve ser inferido e considerado, residindo nesse sentido a atitude enunciativa do ironista. (Marques, 2016, p. 199)

Essa perspectiva está alinhada à visão de Brait (2008), que enfatiza a importância de sinalizações no texto, mesmo que sutis, para indicar a presença de ironia. Essa convergência de ideias foi confirmada em nossas análises.

Assim, Marques (2016) empreende esforços para construir um arcabouço conceitual abrangente sobre a ironia, destacando sua natureza ampla e articulando contribuições oriundas da Retórica, Oratória e Filosofia, em diálogo com reflexões da Pragmática. A ênfase recai sobre o papel do enunciador, sublinhando a importância deste na construção do fenômeno irônico. O objetivo central é extrair desses estudos subsídios para uma abordagem interacionista da ironia. Alicerça sua análise nas pesquisas de Hutcheon (2000) e Brait (2008), enfatizando que "a ironia, enquanto um fato do uso da língua, funciona como uma estratégia enunciativa efetivada apenas no acontecimento discursivo" (Marques, 2016, p. 18).

Não nos deteremos na revisão que Marques faz da abordagem de Brait (2008) sobre a ironia como interdiscurso, pois reservamos uma seção para apresentar seus pressupostos. O mesmo se aplica à revisão de Hutcheon (2000); no entanto, destacaremos brevemente, na perspectiva de Marques (2016), as contribuições teóricas das duas autoras.

Marques (2016) destaca que as propostas teóricas de Brait (2008) e Hutcheon (2000) estabelecem um diálogo profícuo, uma vez que ambas buscam analisar o fenômeno irônico a partir de seu uso em situações efetivas de comunicação intersubjetiva. Contudo, identifica uma diferença epistemológica entre elas em relação ao foco do fenômeno, tornando-as teoricamente incompatíveis. Enquanto a proposta de Brait (2008) visa

investigar como a ironia se estrutura como interdiscurso, a análise de Hutcheon (2000) concentra-se no efeito dessas construções. A distinção reside no foco investigativo sobre o fenômeno irônico entre as autoras.

A proposta teórica de Brait busca analisar a ironia a partir de sua estrutura como interdiscurso, concentrando-se na compreensão de como ela é construída no discurso. Examina os elementos linguísticos, retóricos e sociais, explorando a interação entre eles na criação da ironia. Sua abordagem busca desvendar as características formais e estruturais da ironia, assim como suas implicações no nível da linguagem e do discurso.

Por outro lado, a análise empreendida por Hutcheon concentra-se no efeito das construções irônicas. Sua abordagem coaduna-se com a nossa perspectiva, buscando entender como a ironia é utilizada como ferramenta retórica para criar ambiguidades, criticar, subverter e questionar ideias e valores. Enfatiza o papel da ironia na construção de sentidos e no impacto no texto, considerando o contexto comunicativo e as intenções dos locutores.

Dessa forma, enquanto Brait se dedica a investigar a estruturação da ironia como uma forma de interdiscurso, considerando formações discursivas presentes nas práticas ideológicas, Hutcheon e nós estamos mais interessados em explorar o efeito da ironia, ou seja, como ela é utilizada para produzir sentidos e influenciar a interpretação do texto em contexto.

Marques (2016) destaca que o ambiente de globalização, pós-modernidade e a consequente fragmentação das subjetividades cria um contexto propício para discordâncias e opressão, tornando-se um terreno fértil para o uso da ironia. Nesse sentido, enfatiza a estratégia da ironia na expressão, especialmente em questões políticas.

Nessa perspectiva, com base em Muecke (1995), a autora salienta que a ironia é tida como uma estratégia discursiva largamente perscrutada na esfera política, ademais acrescenta que o caráter político se faz evidente, ancorada em Hutcheon (2000).

Outra contribuição profícua de Hutcheon (2000) salientada por Marques (2016) para os estudos da ironia é a problematização feita pela pesquisadora canadense sobre a diferença entre a figura do interpretador e o restante da plateia da ironia. Desse modo, Marques (2016) explica esta distinção como “[...] o interpretador seria a parte da plateia do jogo irônico capacitada para perceber e fazer a ironia acontecer, enquanto haveria, por outro lado, outra parte da plateia inapta a perceber a circunlocução da ironia e efetivar seu acontecimento” (p.55).

Assim, de acordo com Marques (2016), conclui-se que a teoria da ironia como acontecimento de Hutcheon (2000) ocorre na interação, pressupondo a presença de outro interlocutor, pois só pode existir efetivamente enquanto interação por meio desse outro, mediante a interpretação que esse interlocutor realiza diante de uma enunciação potencialmente irônica.

No que tange à ironia como estratégia discursiva, a autora destaca que vem desde sua primeira menção em Sócrates, uma vez que, ao recorrer à ironia, o filósofo buscava atingir a determinados objetivos específicos. A esse respeito, destaca que a ironia socrática, concebida precipuamente como indagação irônica, “funciona de modo a evitar o dogmático e a questionar os sistemas de valores postos muito mais do que afirmar explicitamente quaisquer outros, relegando, por meio da necessidade de processos inferenciais, essa obrigação ao interlocutor” (Marques, 2016, p. 61).

Diante disso, a pesquisadora destaca que a função mais genérica da ironia reside justamente no seu contorno impreciso, ou ao menos dubio, da relação do locutor com o texto, sendo essa imprecisão, do ponto de vista do ironista, agradável, uma vez que, em função dela, preserva-o de sofrer um ataque, deixando entrever essa característica autoprotetora do fenômeno irônico.

Com base no que a autora dispõe, esta função discursiva da ironia merece destaque, a característica de autoproteção da ironia é altamente eficiente em situações comuns de julgamento e avaliação, pois, ao permitir ao ironista a ambiguidade, também lhe permite negar o julgamento que, embora não explicitado, é comunicado, podendo ser inferido.

Para mais, Marques (2016) considera que o enunciado irônico joga com o duplo, pois, com base em Hutcheon (2000), pondera que o ironista pode argumentar a fim de se proteger que estava apenas sendo irônico. Desse modo, usando a ironia como uma estratégia para dizer algo e se resguardar de sofrer insultos, da mesma forma não precisar desculpar-se pelo que foi dito.

A isso, Marques (2016) acrescenta que funcionalmente, a ironia serve para que o ironista, diante de uma situação discursiva considerada opressora por ele, possa tanto subverter o sistema opressor utilizando os discursos dominantes para desconstruí-los, quanto se autoproteger de possíveis represálias através da ambiguidade. Essas funcionalidades exigem que o ironista camufle sua declaração, incorporando ora o discurso a ser desconstruído, ora partindo de uma associação discursiva duvidosa, que à primeira vista parece ter uma relação fraca de semelhança. Ao mesmo tempo, essas

funcionalidades exigem que o ironista deixe pistas de contextualização para que o interlocutor perceba e coloque em prática esse jogo.

É interessante destacar, ainda, como Marques (2016) disserta sobre a funcionalidade da ironia

[...] a ironia serve para que o ironista, diante de uma situação discursiva considerada por ele como opressora, tanto possa burlar o sistema opressor utilizando-se dos discursos dominantes para desconstruí-los quanto possa se autoproteger de possíveis represálias por meio da ambiguidade. Esses funcionamentos demandam que o ironista camufle seu enunciado ora incorporando o discurso a ser desconstruído ora partindo de uma associação discursiva dúbia que, de início, parece ter uma fraca relação de semelhança; ao mesmo tempo esses funcionamentos demandam ao ironista que deixe pistas de contextualização para o interlocutor perceber e pôr em funcionamento esse jogo (p.62).

Assim, a autora pondera sobre o fato de a ironia servir como um meio de denúncia frente ao que nomeia como sistema opressor. A nosso ver, isso converge para o que é defendido por Brait (2008) de o fenômeno irônico poder ser utilizado com o intuito de desmascaramento por meio da denúncia. Nesse caso, poderia ocorrer no campo jornalístico, como Brait (2008) aponta, a partir das manchetes políticas ou com uma reivindicação do cotidiano como uma pista que precisa de reparos. A população poderia fazer registros próximos aos buracos com materiais de pesca, assim estariam utilizando-se da ironia tanto para chamar atenção ao problema como uma foto de denúncia frente ao descaso dos órgãos responsáveis. Este segundo efeito possível da ironia também nos parece muito relevante para o nosso propósito investigativo.

Uma das contribuições do trabalho de Marques (2016) aos estudos sobre a ironia foi teorizar sobre esta funcionalidade da ironia como uma forma de autoproteção através da ambiguidade. Todavia, os avanços teóricos da pesquisadora por vezes não ficam nítidos ao leitor, dada a presença constante da voz de Hutcheon.

Com efeito, Marques dedica-se a traçar um panorama sobre a história da web, focalizando em especial no Facebook, por ser a rede social da qual foi proveniente seu *corpus*, a partir dessa exposição descreve sobre o compartilhamento de notícias, acerca da sua composição e funcionamento, ou seja, os aspectos discursivos imbricados, bem como os aspectos microestruturais. Nesse sentido, Marques (2016) concebe o compartilhamento de notícias como um gênero, uma posição que nem sempre nos parece muito clara.

A autora justifica esse detalhamento de funções possibilitadas pelo Facebook, pois, ao considerar a ironia como prática, argumenta sobre a necessidade de refletir

também a respeito do tipo de interação “[...] de onde os acontecimentos irônicos emergem, para que, compreendendo a função dessa prática, as suas engrenagens discursivas e composicionais, possamos relacioná-la de forma mais estreita com o fenômeno irônico (Marques, 2016, p.68)”. Para a pesquisadora, dessa maneira é possível depreender até mesmo as particularidades que esse fenômeno adquire em função das configurações dessa interação.

Com efeito, Marques (2016) apresenta um panorama pormenorizado sobre a web, a partir do seu surgimento, a rede social Facebook, dedicando-se à explicitação sobre o compartilhamento de notícias, bem como sobre a página no Facebook do jornal Folha de S. Paulo.

Por conseguinte, as análises de Marques (2016) enfocaram os processos de compreensão envolvidos no acontecimento da ironia com ênfase nas pistas de contextualização presentes no enunciado, na noção de enquadramento e no papel do interlocutor.

A partir de notícias divulgadas na página do jornal Folha de S. Paulo no Facebook durante os debates presidenciais no primeiro turno das eleições de 2014, sua análise não se limitou apenas ao comentário, mas também às relações intertextuais que surgiram, como sua conexão com a notícia e os comentários gerados a partir desse compartilhamento. Esta opção metodológica de contemplar a ironia está presente também em Hutcheon e é um dos critérios de nossa pesquisa.

Uma das capturas de tela de compartilhamento que compõem o corpus de Marques (2016) é uma declaração do então candidato à presidência Levy Fidelix, conforme apresentação abaixo:

Figura 07 – Compartilhamento do Facebook



Fonte: Marques (2016, p. 115)

Em sua análise, a autora considerou a construção irônica clara, todavia a resposta do segundo interlocutor na interação suscitada no compartilhamento da notícia deixa entrever, segundo a pesquisadora, que ele não compreendeu o intuito da legenda irônica, o que a autora configura como incompreensão. Desse modo, Marques (2016) pondera que o potencial irônico é ativado pela quebra da expectativa provocada pela oposição entre as estruturas “o aparelho excretor não reproduz”, dita pelo candidato Levy Fidelix, e o enunciado “o aparelho excretor ‘às vezes fala’”, de modo que o locutor sobrepõe na figura do candidato, uma crítica por meio do não dito. Em sua análise, a autora destaca que esta atenuação do não dito pode ser mais facilmente inferível e a imagem de que o aparelho excretor ao qual o locutor se refere é, na verdade, a boca de Levy Fidelix, por sua declaração.

Marques (2016) ressalta que, quando a ironia não é compreendida, os fatos acontecem de duas formas:

[...] ou o ironista busca precisar seu intento irônico, desfazendo em certa medida a ironia, ou não há negociação do sentido e há a incompreensão, mas a ironia não se desfaz completamente, por termos outro público percebendo-a e a fazendo acontecer. Uma coisa, porém, nos parece indiscutível: a ironia põe os interlocutores em conflito cognitivo por não poder ter seu sentido

seguramente precisado, dada a sua ambiguidade constitutiva (MARQUES, 2016, p.118).

Portanto, mesmo que a ironia não seja compreendida pelos interlocutores da interação, não deixa de ser ironia, pois outros poderão compreendê-la. Esta conclusão da autora corrobora a nossa impressão inicial acerca deste ponto.

Ao dedicar-se à investigação da ironia como estratégia e acontecimento discursivo, especialmente, interessada pela retextualização para os ambientes digitais das estratégias linguísticas, Marques (2016) propôs a apresentação de alguns dos mecanismos mais utilizados dentro do seu *corpus* para guiar o interlocutor na identificação e na inferência de sentido irônico.

Assim sendo, para a sistematização e a catalogação desses recursos de expressão de ironia, Marques (2016) partiu da proposta teórica feita por Hutcheon (2000), com as categorias de fônico, gesticulatório, gráfico, incongruência, mudança de registro, abrandamento/exagero, simplificação, textual, intertextual e circunstancial. No entanto, é importante destacar que não faremos uso de todas estas categorias em nossas análises, apenas das que aproximam-se do nosso ambiente digital em o *corpus* foi coletado.

Contudo, Marques é o principal estudo que emprega quase todas as bases teóricas que também usamos e que trabalha com um *corpus* da tecnodiscursividade, assim como nós. A autora leva em consideração as arestas críticas apontadas por Hutcheon (2000) e os aspectos intertextuais e referenciais que convergem com a abordagem teórica da LT.

Considerando seu objetivo de analisar a transmutação desses recursos de práticas interacionais de contextos não digitais para as práticas interacionais em ambientes digitais, Marques optou por se deter somente nos casos considerados mais emblemáticos para a reflexão sobre estes recursos. Para tanto, realizou o agrupamento dos recursos de expressão de ironia de acordo com os processos de retextualização ocorridos, sendo dispostos do seguinte modo: a) recursos retextualizados; b) recursos característicos das interações digitais; c) recursos característicos de interações escritas monitoradas. Estes dois últimos critérios são particularmente importantes para a nossa análise, porque também usamos um *corpus* das mídias digitais: as postagens no X (Twitter), mas não adotaremos o procedimento de operar com retextualizações.

Marques (2016) concebe os recursos retextualizados como elementos característicos das interações presenciais que foram incorporados para expressar-se no

contexto digital. Nesse sentido, ela destaca o uso de emoticons como representação de expressões gesticulatórias. Já os aspectos gráficos, como a repetição de letras e o uso deliberado e alternado de letras maiúsculas, são empregados para transpor as variações prosódicas para o meio digital. Apesar de reconhecermos todos esses traços como típicos das plataformas digitais, optaremos por não abordá-los sob a perspectiva de retextualizações.

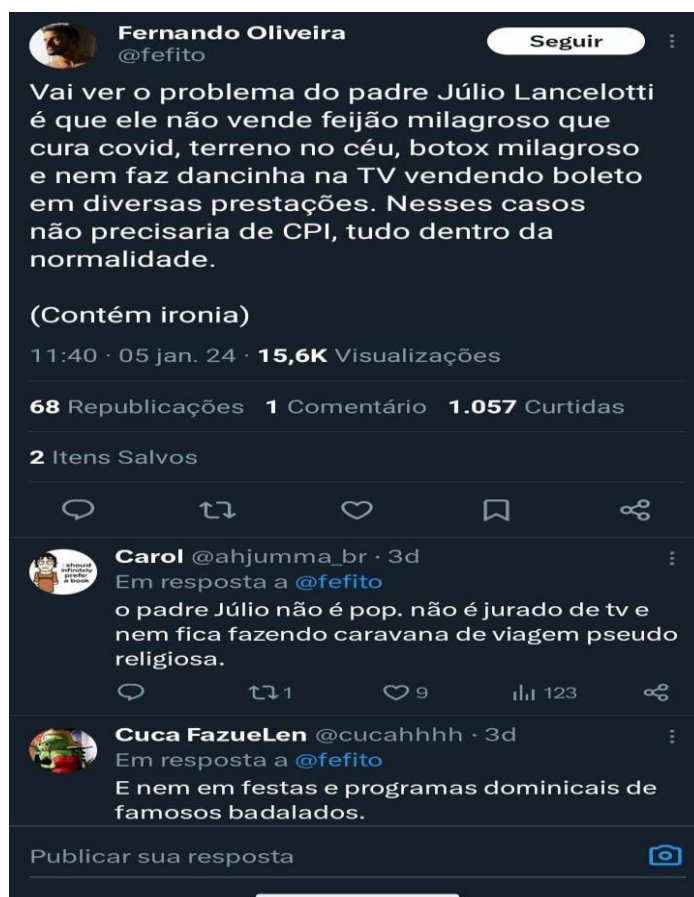
Ainda em relação aos aspectos tipográficos, outro aspecto concluído pela autora como um sinalizador do intento irônico foi o uso das aspas. Ressalta que são presentes, basilarmente, dentro das interações escritas bem como abordadas nos estudos enunciativos como um mecanismo de demarcação da heterogeneidade enunciativa (Authier-Revuz, 2004). Ademais, acrescenta a este grupo a reapropriação do recurso de acentuação do til, considerado uma surpresa pelo seu uso atípico para os padrões de escrita.

No que concerne aos recursos característicos das interações digitais, a cientista verificou o emprego dos desvios ortográficos para embasar o não dito irônico, especialmente, no uso de “serto”. A esse, juntou a expressão “SQN”, salienta que o seu surgimento ocorre dentro do próprio ambiente digital e a sua significação associada tão-somente como um sinalizador de ironia. Para Marques (2016), a opção pela marcação com “SQN” reflete a necessidade das pessoas de se fazerem compreender.

Esta observação é importante para os dados que também encontramos no X (Twitter), porém percebemos que o uso da expressão “SQN” já não é tão marcado quanto à época da realização da pesquisa no Facebook pela autora, o mesmo equivale para o próprio uso da rede social. Ao passo que no X (Twitter) notamos o uso do “contém ironia” como um sinalizador ou marcador da ironia pelos interlocutores. Como neste exemplo que coletamos:

Exemplo 10

Figura 08 – Tuíte 03



Disponível em: <https://twitter.com/fefito/status/1743281369617182976> Acesso em: 06 jan. 2024

No tuíte em que foi usado o “contém ironia” para demarcar a ironia, o interlocutor faz alusão ao fato de que o vereador de São Paulo, Rubinho Nunes (União) protocolou, no dia 6 de dezembro de 2023, um pedido de abertura de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar organizações não governamentais que realizam trabalho social na região conhecida como Cracolândia, no centro da capital. A controvérsia começou quando o parlamentar anunciou que o padre Júlio Lancellotti seria um dos investigados.

O padre Júlio Lancellotti, é conhecido nacionalmente pelo seu trabalho com a população de rua de São Paulo há mais de 40 anos. Dessa forma, o interlocutor lista fatos que, segundo ele, merecem ser investigados, como a venda de “terrenos no céu”. Sobre esse assunto, o usuário tinha como objetivo destacar acontecimentos com o uso da fé para obter lucro financeiro, enfatizando que esse não seria o caso do padre Júlio Lancellotti, uma liderança no trabalho de assistência às populações vulneráveis no centro da capital.

O uso do "contém ironia" tem a finalidade de evidenciar que o que estava sendo afirmado derivava de uma estratégia que também podemos associar à autoproteção para evitar ser atacado pelos seguidores dos religiosos que agiram de maneira mencionada, como a venda do “botox milagroso”.

Quanto aos recursos característicos de interações escritas monitoradas, antes associados somente às esferas jornalística e literária, a autora destaca a ironia imagética. Além desta, ressalta o recurso de menção ecoante, que consiste na referência, reporta-se ao discurso do outro, no qual constatou que teve maior recorrência no seu *corpus*. Este é outro critério relevante para nosso trabalho: considerar a imagem na construção da ironia, pois verificamos também que estas colaboram para o efeito de sentido pretendido pelo autor da ironia.

Dado o nosso interesse investigativo, acreditamos que o programa analítico da LT pode contribuir para os estudos do fenômeno irônico. Isto posto, tendo em conta esta abordagem científica que nos serve de aporte teórico-metodológico, também se relacionam ao nosso intento os processos de intertextualidade, sobre os quais discutimos a seguir.

5.1 Interatividade em LT

Cavalcante, Brito e Oliveira (2021, p. 337-338) destacam que a interação muda conforme o ambiente digital, salientam que “cada ecossistema digital tem uma organização muito particular, que influencia diretamente na dinâmica entre os usuários (que fazem parte desse e de outros ecossistemas) e na construção dos textos que são produzidos e circulam nesse espaço virtual.”, o que coincide com a tese de Marques (2016) sobre a influência do ambiente para a interação.

Os autores filiam-se aos pressupostos teóricos de Paveau (2021) para discutir sobre a noção de contexto no ambiente ecológico digital. Para isso, exemplificam a partir de dois ecossistemas Twitter e Instagram, mostrando como de um para o outro, devido às suas especificidades, ocorre a transformação de um texto para novos textos.

A noção de interação perpassa diferentes épocas e teóricos, além disso, é um fenômeno interdisciplinar. Contudo, a tese de Muniz-Lima (2022) é um portento para os estudos recentes em LT. Remeter-se às noções de interação e de interatividade é citar a contribuição desta pesquisadora ao campo das Ciências da Linguagem.

A pesquisa perpassa um apanhamento bibliográfico em torno da noção de interação, retomando discussões empreendidas nas Ciências da Linguagem, na Sociologia

e nas Ciências da Comunicação, com o fito de traçar pontos de aproximação e de distanciamento entre a concepção dos autores e a proposta concebida por Muniz-Lima (2022) para a compreensão desse fenômeno.

Nesse sentido, inserindo-se em uma perspectiva pós-dualista (Paveau, 2021), Muniz-Lima (2022) propõe que a interação constitua um processo de coconstrução de sentidos entre interlocutores humanos e/ou não humanos, sempre encenado, e que aconteça de modos distintos em função de um conjunto de aspectos languageiros: a mídia, o suporte, a interatividade - e seus níveis - controle do conteúdo, caráter dialogal e sincronicidade - e os sistemas semióticos - oral, escrito, imagético, gestual e sonoro-

No que diz respeito à concepção de interatividade, Muniz-Lima (2022, p.124) concebe “como um aspecto tecnolinguageiro da interação que implica executar ações diretas, ativas e síncronas entre interlocutores no processo de construção de sentidos e que se apresenta em níveis [...]”.

Para a linguista, o caráter dialogal refere-se à possibilidade de obter feedback, como se os interlocutores estivessem numa troca conversacional face a face. A exemplo dessa variável, podemos citar uma chamada de vídeo via whatsapp, em que essa interação acontece simultaneamente mesmo com os interlocutores distantes geograficamente.

A sincronicidade é o tempo de resposta do interlocutor, se mais ou menos imediato ou síncrono. Para ilustrar esta variável, pensemos na interação que ocorre em uma transmissão ao vivo pelo Youtube, a resposta dada será a mais imediata.

Por fim, o controle de conteúdo, segundo Muniz-Lima (2022) é a possibilidade que os interlocutores podem ter de, numa interação, modificarem as informações ou reagirem a elas de alguma forma. Cabe mencionar como exemplo novamente o whatsapp, que a partir desta nova atualização permite aos usuários reagirem com emojis às mensagens recebidas, além de na atualização anterior o controle de ouvir aos áudios recebidos em uma velocidade mais rápida.

Com efeito, ressaltamos como a noção de interação está estritamente imbricada à noção de texto. Por essa razão, admitimos a concepção de Cavalcante *et al.* (2019), a qual afirma que texto é um enunciado completo que se realiza como evento. Isto significa dizer que ele é único e irrepetível, acontecendo de uma forma nova a cada vez que é enunciado em uma situação comunicativa particular. Portanto, “[...] o texto é, de fato, um evento, de modo que a investigação dos mecanismos utilizados pelos sujeitos para dar sentido ao que produzem e compreendem deve ser estabelecida tomando por

base, sempre, a interação e todo o contexto social que ela incorpora” (Cavalcante *et al.*, 2019, p. 32).

A interação acontece por meio de uma encenação particular que engloba a participação dos interlocutores (que fazem projeção de si e dos outros), dos papéis sociais assumidos, dos contratos e propósitos comunicativos, e da organização e funções desempenhadas pelos gêneros em contexto.

Por isso, a interação ocorre através da relação entre textos. Cavalcante *et al.* (2019) afirma com Amossy (2017) que nos textos - logo, na interação - há sempre uma tentativa de influenciar e agir sobre o outro, seja no modo de pensar, nas crenças e representações do indivíduo ou do coletivo.

6 INTERTEXTUALIDADE E REFERENCIAÇÃO

6.1 Intertextualidades

É no cerne das relações dialógicas da língua que provém o conceito de intertextualidade, com Kristeva (2005). Assim, mesmo que o termo intertextualidade não tenha sido utilizado na obra de Bakhtin, a semioticista, ao dedicar-se à relação intrínseca entre os textos, salienta que sua fundamentação sobre o tema é originária das ideias bakhtinianas. Kristeva (2005, p.68) destaca o fato de que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto”, ou seja, o texto é objeto que se entrecruza com outros.

No entanto, não é essa noção constitutiva de intertextualidade com a qual trabalhamos. Consideramos que seja mais produtivo para o nosso escopo tomar este fenômeno em consonância com Carvalho (2018), que compreende a intertextualidade “como fenômeno textual-discursivo pontual, em geral planejado e sempre indiciado, a partir do qual se (re)constroem sentidos. Trata-se de um recurso que, embora não essencial, confere criatividade à textualização (p.111).”

Para mais, Carvalho (2018) com o fito de dar conta de cercar ao máximo as intertextualidades, propôs o alargamento desta visão já cristalizada. O objetivo da autora não é negar ou excluir os estudos anteriores sobre o fenômeno, mas, sim, reunir novamente as definições clássicas, permitindo abranger o fenômeno em outros contextos de produção. Assim, estabeleceu que a relação entre textos, gêneros e estilos, se subdivide em duas formas distintas, que nomeou por intertextualidade estrita e ampla, não sendo excludentes, em outros termos, admitindo-se que, em um mesmo texto, possam coexistir as duas.

Desse modo, no concerne à intertextualidade estrita, Carvalho (2018, p. 81) a definiu como a “inserção efetiva de parte(s) de um texto em outro ou pela transformação/ derivação de um texto específico ou de partes dele em outro texto”. Isto é, podemos averiguar o diálogo entre textos específicos, seja porque constatamos partes de um texto presente em outro, seja porque um texto foi modificado, transformado em outro texto.

Quanto à intertextualidade ampla, explica-nos que são

[...] dadas pela retomada não de um texto específico em outro, mas por uma marcação menos facilmente apreensível, porque mais difusa e relativa a conjuntos de textos, verificada por indícios atinentes à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos ou a uma temática particular divulgada por diversos textos (Carvalho, 2018, p.81).

Isto significa que a ampla é tangível no cotexto, enquanto unidade de análise, desse modo, é inexequível a identificação do diálogo com um único texto, mas, sim, com um conjunto de textos.

Assim, de acordo com Carvalho (2018), a intertextualidade pode ocorrer tanto através de textos que remetem a outros textos específicos quanto de textos que se referem a diversos outros textos. A esse respeito, a cientista explica que a presença de uma das formas não exclui a possibilidade de essas formas coexistirem no mesmo texto.

Dentro desta proposta delineada por Carvalho (2018), existem ainda as ramificações. As estritas se subdividem em copresença (citação; alusão estrita; paráfrase) e derivação (paródia; transposição), já as amplas são manifestadas em três situações: “i) pela imitação de parâmetros de gênero, ii) pela imitação do estilo de autor, iii) pelas alusões a textos não particulares.”

As intertextualidades estritas ocorrem como uma forma de referência a textos específicos e recuperáveis. Começando pela copresença, que acontece quando um texto se repete em outro. Já a relação de derivação é definida por um texto completo que se origina a partir de outro texto completo. Dentro dessa classificação, encontramos a seguinte subdivisão:

- a) Citação: considerada como a intertextualidade mais explícita, em que rapidamente se recupera o texto-fonte. Comumente marcada e literal, ou seja, sempre ficará explícito que aquele texto é de outro. A autora realça que há casos em que acontece uma ausência de marca. Em determinadas culturas, o texto-fonte é tão amplamente conhecido, que se permite a não marcação, como, por exemplo, passagens bíblicas que são famosas.
- b) Alusão estrita: caracteriza-se por insinuações ou menções a um outro texto específico de forma indireta. Essa forma, segundo Carvalho (2018, p. 86), exige mais atenção para que se dê a (re)construção do sentido desejado. Pode ocorrer por “remissão indireta, incorporando-sutilmente; apresenta modificações formais no texto a que recorre; ou realizar-se por expressões referenciais ou, ainda, mencionar título, personagens, nome de autor etc.”
- c) Paráfrase: é uma reformulação em determinada medida de um texto-fonte. Portanto, há, nesse processo, uma transformação na forma com a busca pela permanência do conteúdo original. (Carvalho, 2018, p.86-87)

Ao passo que a relação de derivação é definida por um texto completo que se origina a partir de outro texto completo. Nessa relação, encontramos a seguinte divisão:

- a) Paródia: é caracterizada por um texto que transforma o seu texto-fonte, causando desvios de forma ou conteúdo. Carvalho (2018) salienta que esse

fenômeno abarca total e qualquer transformação humorística que se distancia do texto-fonte, desde as mais sutis até uma transformação do estilo do texto original, rebaixando-o a um estilo mais vulgar. Isso ocorre porque a principal característica desse fenômeno é seu caráter humorístico, que se cria para fins diversos.

b) **Transposição:** em comparação com a paródia, o fenômeno de transposição ocorre quando há transformação do texto-fonte sem o traço humorístico. Para isso, Carvalho (2018) assume como transposição qualquer alteração dentro do texto inteiro, preservando-se, na medida do possível, a essência que liga ao texto-fonte.

Depois dessa breve explanação do campo das intertextualidades estritas, apresentamos as divisões para as intertextualidades amplas elaborada pela teórica, que seriam a referência a textos que circulam em uma certa cultura, sem que seja possível identificar um texto-fonte. Para isso, são estabelecidas três situações em que ocorrem intertextualidades amplas que podem ou não ser reconhecidas pelos interlocutores.

i. **Imitação de gênero:** ampliando as concepções de estudos como o de Genette, Carvalho (2018) propõe que outras formas de intertextualidades podem ser recuperadas, que não dizem respeito a um único texto específico, mas em uma série recorrente de inúmeros outros. Seria o caso de uma retomada de parâmetros de gêneros. ii. **Imitação de estilo de autor:** assim como para a imitação de gênero, há uma abstração de um estilo de autor em que não se pode recorrer a um único texto, mas a um conjunto de textos que remetem a um(a) autor(a). Essa imitação também é ampla e engloba expressões de uma determinada pessoa, tonalidade, formas de organização textual etc. Carvalho se sustenta em Fiorin (2016, p. 51) – que tem por base os estudos bakhtinianos – para definir estilo como o “conjunto de particularidades discursivas e textuais, que criam uma imagem do autor, que é o que denominamos efeitos de individualidade”. iii. **Alusão ampla:** uma menção não específica a um texto, mas a um conjunto de textos ou situações compartilhadas em uma dada cultura, que se manifestam por diversos textos.

Acerca da alusão, consideramos como um ponto relevante, uma vez que constatamos que como um dos processos recorrentes em nossas análises. Para tanto, tomaremos as profícuas contribuições de Cavalcante *et al.* (2022).

Cavalcante *et al.* (2022, p.382, grifos dos autores) definem a alusão ampla como “uma relação intertextual em que o locutor deixa pistas para que seu interlocutor resgate o sentido pretendido do texto, pois há insinuações, **menções indiretas ao texto-fonte no novo texto**” ao passo que a alusão estrita “é como uma referência que se faz a

partes de outro texto, sem repeti-lo, mas apenas **sugerindo pistas** que façam o interlocutor lembrar-se dele”.

Nessa perspectiva, destacam que tanto a alusão ampla quanto a estrita são como “um jogo camuflado de vozes” (Cavalcante *et al.*, 2022, p.393), todavia, dada a extensão desta primeira e o seu caráter desafiante, dedicam um item para discuti-la. Assim, no cerne das reflexões sobre as alusões amplas, é postulado, a partir de Authier-Revuz (2007), pelos pesquisadores que o alcance do sentido produzido pelo locutor vai depender de graus de proximidade e erudição do interlocutor. Assim, verificamos que este mesmo movimento aconteceu em nossas análises, pois, em determinados casos, a compreensão ou entendimento da ironia demandou uma maior erudição, para que o sentido irônico fosse alcançado.

Tomemos como exemplo de uma alusão ampla com ironia, o tuíte abaixo:

Exemplo 11

Figura 09 – Tuíte 04 - Exemplo de texto a ser analisado



Fonte: <https://twitter.com/Karolconka/status/1586859304681963524>. Acesso em: 30 out. 2022

Neste exemplo, temos uma alusão ampla irônica, já que o texto faz referência à capa da série documental lançada em 2021 no Globoplay sobre a Karol Conká. Durante

o período, a cantora participou do reality show Big Brother Brasil e foi cancelada pelo público, a série foi uma tentativa da emissora de minimizar o impacto do programa na imagem da Karol Conká.

Dito isso, o título permanece o mesmo da capa original, “A vida depois do Tombo”, porém ganha um novo protagonista, a imagem do ex-presidente Jair Bolsonaro com uma expressão triste e incrédula, após perder nas urnas em 30 de outubro de 2022 para o presidente Lula.

A ironia pode ser percebida pelo uso do título da série e pela imagem do ex-líder com uma aparência triste, assim como o uso da expressão “tombo” para refere-se ao “tombo” que o candidato na época sofreu, já que ele estava confiante na vitória e na reeleição para a presidência.

Os processos de interpretação e produção textual sempre envolvem um diálogo entre textos, sejam eles específicos ou não, mesmo que essa relação não seja explicitamente evidente. Segundo Cavalcante (2021), a condição para o reconhecimento das intertextualidades é a identificação de algum tipo de “repetição” nas manifestações textuais. Portanto, quanto menos essa repetição puder ser comprovada, mais as intertextualidades se diluem no caráter dialógico constitutivo de todos os usos linguísticos. Essas “repetições” nem sempre são percebidas pelo interlocutor, mas isso não significa que as intertextualidades deixem de existir ou de ser relevantes para a interpretação.

Dessa maneira, com o propósito de ampliar as dimensões dos processos intertextuais, tanto o grupo Prottexto quanto o grupo GELT têm conduzido e continuam a desenvolver pesquisas que exploram o fenômeno da intertextualidade, considerando uma variedade de sistemas semióticos, não se restringindo apenas ao verbal. Um exemplo é a pesquisa de Barros (2020), a qual postula a intertextualidade como elemento constitutivo da modalidade argumentativa polêmica. Embasada na integração interdisciplinar entre a Linguística Textual e a Teoria da Argumentação no Discurso, a autora analisou textos de diversos gêneros que refletiram, no domínio público, a tentativa de censura de uma história em quadrinhos durante a Bienal do Livro no Rio de Janeiro em 2019.

Assim como Ferreira e Brito (2022), que investigaram o uso da intertextualidade como estratégia de desqualificar o outro na argumentação polêmica, os autores concluíram que os usuários se utilizam desse processo textual com o intuito de descredibilizar o oponente diante da figura do terceiro. Além disso, apontam que a efetividade da polêmica argumentativa depende do diálogo entre textos, reforçando assim

a hipótese de que essa modalidade nasce das relações intertextuais. Suas análises foram baseadas em interações controversas, presentes em comentários e respostas feitos em uma publicação de Guilherme Boulos em sua conta oficial no Twitter.

Também podemos mencionar a pesquisa de Dutra e Faria (2022), que investigaram a intertextualidade nas hashtags usadas em textos do Twitter, com o objetivo de compreender a desqualificação do oponente nas polêmicas públicas. Para isso, eles analisaram dois tuítes produzidos em dois contextos polêmicos diferentes que envolviam a conduta do então presidente Jair Bolsonaro. Os resultados revelaram que a intertextualidade amplifica o ataque direcionado à pessoa ou ao grupo que adota uma posição oposta na polêmica pública, ao utilizar hashtags virulentas nos textos publicados na plataforma X (Twitter).

6.2 Referenciação

A LT tem compreendido a referenciação como o processo altamente dinâmico de construção de referentes (ou objetos de discurso) em um texto (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014). Isto é, diz respeito ao processo de se referir aos referentes, no cotexto, por meio de recursos linguísticos.

Essa abordagem, conforme Mondada e Dubois (2003) surge como oposição à ideia de que as palavras e as coisas têm uma correspondência já estabelecida e preexistente. Ao contrário, as cientistas propõem que seja feita a transição do estudo da referência para o estudo da referenciação, que questiona a categorização e a instabilidade das categorias do mundo e defende o estudo de como as categorias e as entidades são elaboradas no discurso, levando em consideração sua instabilidade, mas também sua estabilização por meio de algumas estratégias.

É por isso que mencionam os referentes, nesta proposta, como objetos de discurso, com o objetivo de ressaltar que é na interação discursiva, situada socio cognitivamente, que negociamos as categorias do mundo.

Conforme a perspectiva de Cavalcante (2012), o referente representa um objeto, ou seja, um elemento ou entidade construída a partir do próprio texto. Isso se dá por meio das expressões referenciais, recursos linguísticos que materializam os referentes no cotexto.

No âmbito dos estudos textuais, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) observam, seguindo a proposta de Mondada e Dubois (2003), uma evolução na análise

das cadeias referenciais. Inicialmente focada em examinar como a informação sobre uma entidade era estabelecida e processada no texto, especialmente por meio de expressões nominais, essa abordagem expandiu-se para um estudo mais abrangente. Agora, considera uma variedade de fatores na construção do referente no texto, indo além das simples expressões linguísticas.

Para Almeida (2023), a proposta de abordagem da referenciação, surgiu como uma resposta à necessidade, como indicado por Mondada e Dubois (2003), de contestar perspectivas que sugerem uma relação direta e objetiva entre as palavras e os objetos do mundo. Essas autoras propõem que a relação entre as palavras e as entidades do mundo é, na verdade, instável e mediada pela linguagem. Quando nos comunicamos, submetemos nossas interpretações dos objetos do mundo à validação do interlocutor.

Nesse processo, segundo o autor, o foco está na forma como transformamos as categorias do mundo em objetos de discurso, em oposição à sua dimensão empírica. Isso implica que o conceito de realidade é percebido como instável, e a comunicação envolve constantemente uma negociação entre os participantes, por isso, a referenciação é considerada um fenômeno sociocognitivo e situado, sendo influenciada pelo contexto social e discursivo.

Concordamos com Almeida (2023) quando afirma que uma das contribuições notáveis das pesquisas em referenciação, exemplificadas por estudos como os de Custódio Filho (2011), Capistrano Júnior (2012), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Nascimento (2014), Teixeira (2016) e Sales (2017), é a ideia de que os referentes não dependem exclusivamente de expressões referenciais linguísticas para serem identificados no texto. Outros modos semióticos também podem contribuir para a construção do referente, enfatizando que a referenciação não é um fenômeno puramente linguístico, mas sim um processo sociocognitivo e discursivo que se manifesta através de múltiplos aspectos da linguagem.

Cavalcante *et al* (2022) pontua que a referenciação é possivelmente o critério mais central e mais profícuo da LT, porque se relaciona com os demais critérios analíticos do texto. Outra constatação importante de Cavalcante *et al* (2022, p. 270-271) é de que

só podemos tratar de referentes no âmbito do texto na interação efetiva, na qual se encena o circuito comunicativo, porque é lá que os participantes, como atores sociais, calculam o que vão falar, projetam como podem se dirigir ao outro, tendo em vista os valores sociais e as crenças do contexto social em que se encontram. É dessas projeções mútuas, com um contexto a elas incorporado, que emergem os referentes no texto, e é por isso que Mondada (1994) caracteriza toda essa dinâmica como uma negociação complexa, tanto para

elaborar os objetos de discurso quanto para encontrar a maneira mais adequada de expressá-los a cada momento.

A referenciação como uma negociação complexa destaca como a elaboração dos objetos de discurso e a maneira de expressá-los são resultado dessa dinâmica interativa. Os autores destacam a centralidade da referenciação na LT e como essa questão se relaciona com outros critérios analíticos do texto. Nossa pesquisa toma como um dos critérios examinar como a referenciação é usada em textos que apresentam características de ironia. Isso demonstra a importância da referenciação na compreensão desses textos e na criação de sentidos, pois está intrinsecamente ligada à interação efetiva entre os participantes, onde o circuito comunicativo é encenado.

Ressaltamos que a referenciação não pode ser tratada de forma isolada, mas sim como parte integrante de um contexto social em que os atores sociais, ou seja, os participantes da interação, calculam o que vão dizer e como vão se dirigir ao outro. Isso leva em consideração os valores e crenças presentes no contexto social em que se encontram. A partir dessas projeções mútuas, que levam em conta esse contexto incorporado, surgem os referentes no texto.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer que a ironia está profundamente enraizada no contexto em que ocorre. Portanto, a contextualização desempenha um papel essencial na metodologia de pesquisa. Isso implica levar em consideração o contexto cultural, social e situacional em que a ironia se desdobra. A compreensão adequada da ironia requer a análise cuidadosa das normas sociais, das crenças compartilhadas e das nuances contextuais que moldam sua interpretação e uso.

Diversos princípios guiam os estudos sobre referenciação. Esta abordagem indica que a realidade é reconstruída no texto. Segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), é essencial compreender, sob essa perspectiva teórica, que os objetos do mundo não são apresentados de modo objetivo e estático no texto, mas são sempre moldados conforme as particularidades de cada interação, considerando os propósitos dos interlocutores, por isso, a necessidade de contextualizarmos cada interação, conforme realizamos em nossas análises.

Assim, se aparentemente existe neutralidade na apresentação e retomada de um objeto no texto, essa neutralidade é meramente superficial, visto que a maneira como escolhemos expressar as categorias do mundo por meio do texto é um ativo processo de interpretação e recriação, revelando posicionamentos e, portanto, sendo altamente argumentativo. A isso, acrescentamos também as arestas críticas, segundo os estudos

feitos por Hutcheon (2000). Nessa perspectiva, Macedo (2018) e Cavalcante *et al.* (2020) associam a referenciação a uma estratégia persuasiva.

No próximo capítulo, abordaremos a metodologia adotada para a realização desta pesquisa. Mostraremos como a análise textual é crucial para a identificação de pistas linguísticas e languageiras, como ambiguidades, uso de figuras de linguagem e contexto, que indicam a presença de ironia e suas arestas.

7. METODOLOGIA

Nas próximas subseções, apresentaremos nosso percurso metodológico para testar as nossas hipóteses e, assim, responder ao problema e às questões de pesquisa que impulsionam nosso estudo.

7.1 Caracterização da pesquisa

Para a realização desta pesquisa, adotaremos a abordagem ecológica de Paveau (2021), na qual propõe que não haja uma dissociação entre os textos nativos digitais e o ambiente em que eles circulam, mas sim, que sejam analisados de maneira conjunta. Em confluência com essa perspectiva ecológica, objetivamos analisar traços semântico-contextuais da ironia no Twitter e suas arestas críticas, considerando o contrato comunicativo em cada texto e refletindo sobre traços do fenômeno que convergem para a abordagem teórica da LT.

Para este propósito, a pesquisa que propomos tem cunho qualitativo (Minayo, 2002), uma vez que, para alcançar nossos objetivos, recorreremos à atribuição de significados que constituem etapas básicas para esse tipo de investigação.

No que diz respeito ao método de abordagem, com base em Marconi e Lakatos (2001), nossa proposta de investigação é de natureza hipotético-dedutiva. Esses autores explicam que pesquisas baseadas nesse método de abordagem partem de uma lacuna que, por meio da observação, terá suas hipóteses testadas, assim permitirão testar a refutabilidade das teorias.

Dessa forma, a problemática que inicialmente motiva nosso estudo é a necessidade de investigar, a partir da LT, o fenômeno da ironia. A hipótese a ser testada, por meio das análises dos tuítes, é a de que a ironia se constrói em torno de uma ambiguidade referencial só recuperável em contextos particulares de uso e tem sempre uma finalidade crítica, uma aresta, e o aparato teórico-metodológico da LT permite propor um modo interacional de abordá-la.

7.2 Delimitação do universo e da amostra

Neste estudo, analisamos os potenciais efeitos da ironia no contexto do X (Twitter), levando em consideração o contrato comunicativo presente em cada texto e identificando elementos do fenômeno que se alinham à abordagem teórica da LT. Dentro desse escopo, um dos nossos objetivos específicos é propor uma caracterização dos contratos

comunicativos no evento textual da ironia, buscando evidenciar condições essenciais do fenômeno, como a dimensão crítica (Hutcheon, 2000) e a atribuição de intencionalidade irônica por parte do intérprete.

A seleção do universo a ser investigado é fundamentada nas contribuições de Paveau (2021), que preconiza a consideração dos aspectos inerentes às práticas linguísticas em ambientes digitais. Dessa forma, nossa pesquisa não desvincula a dimensão tecnológica, mas integra-a de forma analítica. Paveau argumenta que "o homem e a técnica agem juntos em um ambiente, como prolongamentos entre um e outro; o artefato prolonga as propriedades humanas e, reciprocamente, o humano é aumentado pela técnica" (Paveau, 2021, p. 248).

Assim, partindo do princípio de que "o corpus é constituído por um conjunto de observáveis e não por uma simples coleção de dados" (Paveau, 2021, p. 136), analisamos um exemplário de dez tuítes que apresentam construções irônicas sobre três eventos: o debate eleitoral e à vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2022, o ex-presidente Jair Bolsonaro e seus aliados, os quais estão sob investigação da Polícia Federal devido a um suposto esquema de negociação ilegal de joias oferecidas por delegações estrangeiras à Presidência da República e um pedido de abertura de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar organizações não governamentais que realizam trabalho social na região conhecida como Cracolândia, no centro de São Paulo.

Cabe salientar que este estudo não visa constituir um corpus de pesquisa, uma vez que o objetivo não é estabelecer critérios quantitativos. Em vez disso, busca-se apresentar o fenômeno irônico no ecossistema digital, priorizando uma abordagem qualitativa e aprofundada sobre a manifestação da ironia em contextos específicos. A ênfase recai na compreensão dos efeitos e características da ironia, em vez de se concentrar na coleta extensiva de dados, permitindo uma análise mais minuciosa e contextualizada do fenômeno.

Para isso, analisamos os tuítes publicados entre os anos de 2022, 2023 e 2024. Além disso, dentro desse período, escolhemos os tuítes com maiores métricas de engajamento (incluindo o número de curtidas e retuítes).

Assim, tendo em conta a volatilidade tanto dos textos no ecossistema X (Twitter) quanto da própria rede social, dadas as recorrentes atualizações. Isso foi comprovado recentemente pela mudança de nome e logotipo na plataforma. O dono do Twitter, Elon Musk, anunciou no dia, 24 de julho de 2023, uma alteração de nome para X. A intenção é transformar toda a identidade visual do antigo Twitter, incluindo o

logotipo do pássaro, que já foi substituído pelo "X". A rede abandona o azul e agora é identificada pela cor preta.

Considerando a necessidade de coesão com a proposta de Paveau (2021), é importante detalhar o ambiente em que a pesquisa ocorrerá. O X (Twitter) reflete as atualidades no exato momento em que ocorrem, o que é evidenciado pelos tópicos mais comentados no Brasil e no mundo no horário em que o usuário acessa a rede.

Isto porque os algoritmos³ mapeiam o fluxo de palavras-chave nos tuítes publicados e as organizam neste tópico conforme a frequência com que são publicados. Todavia, este é apenas um dos critérios considerados, a rede social também filtra pela quantidade de buscas pelo conteúdo, pelo uso das hashtags e pela geolocalização.

Vejamos como fica disposto na interface do X (Twitter) as possibilidades aos usuários:

Figura 10 – Página inicial do X (Twitter)



Fonte: <https://twitter.com/home> Acesso em: 28 nov. 2022

Esta é a visualização que o usuário tem ao acessar o X (Twitter) pelo notebook. A seta numerada com 1 indica os caminhos a que o usuário pode ser direcionado ao clicar em um dos itens, como no Explorar que o encaminhará para os assuntos do momento em que uma das opções é a definição pelos algoritmos para aquela

³ Segundo Paveau (2021) os algoritmos são sequências de instruções que permitem a solução de problemas. [...] eles fazem cálculos para produzir efeitos: certas informações aparecerão com mais frequência, ou em melhor lugar do que outras, ou serão mais disseminadas do que outras. (Paveau, 2021, p.39).

conta. Por sua vez, o passo para o qual a 2 aponta é o espaço para escrever um tuíte. Já os ícones em azul são as possibilidades de inserção de “texto”, que pode ser uma mídia, um gif, uma enquete, emojis e até mesmo agendar um tuíte.

A seta 3 refere-se a um tuíte de uma conta verificada, publicada em referência ao jogo do Brasil x Suíça pela fase de grupo da Copa do Mundo 2022. Notemos que o dono da conta opta por inserir no espaço uma mídia. À medida que a 4 se volta para os assuntos do momento que, no instante do print, refletiam também sobre o jogo da seleção brasileira. Por fim, a seta 5 aponta para as Mensagens Diretas, ou DM, em que os participantes podem conversar em particular ou criar grupos.

7.3 Descrição da coleta dos dados

Para a coleta de dados, utilizaremos o método da documentação indireta, que consiste em dados coletados prontos, disponíveis em fontes públicas, em específico, os tuítes com construção irônica que falam a respeito de temas relacionados a investigação do caso das joias ligado ao ex-presidente Jair Bolsonaro.

Comungamos com a proposição de Paveau (2021, p.36) de que “o pesquisador tanto seja um usuário de internet e da web, quanto tenha um conhecimento mínimo das interfaces técnicas e do funcionamento da máquina”. Desse modo, todas as coletas serão a partir do perfil no X (Twitter) da pesquisadora sendo referenciados os links de acesso aos tuítes analisados.

Portanto, todo o caminho metodológico adotado seguirá a perspectiva pós-dualista e ecológica de Paveau (2021), que defende o discurso nativo digital como uma imbricação homem-máquina, o que sugere como homem e máquina estão social e individualmente relacionados nesta coprodução de sentidos.

Cabe mencionar ainda que, embora os comentários tenham surgido em ambiente virtual público e o acesso a eles seja irrestrito, optaremos por preservar a identidade das pessoas anônimas responsáveis pela escrita deles, ocultando a foto e o nome de usuário, exceto quando os tuítes forem de usuários com a conta verificada, pois compreendemos que, por tratar-se de uma figura pública, é possível o rápido reconhecimento do tuíte, mesmo que não seja exibida a foto.

Para tanto, utilizaremos a ferramenta de captura de tela, tanto no *smartphone* como no sistema operacional Windows 10, que serão os nossos recursos para registrar em prints os tuítes.

7.4 Procedimento de coleta de dados

Desse modo, planejamos os seguintes procedimentos metodológicos.

a) Investigação pelos tuítes que apresentavam uma construção irônica, em especial os relacionavam-se a três acontecimentos: ao debate eleitoral e à vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2022, à investigação em curso contra o ex-presidente Jair Bolsonaro, abordando a recepção, movimentação e venda de itens presenteados por autoridades estrangeiras durante seu mandato, e um pedido de abertura de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar organizações não governamentais que realizam trabalho social na região conhecida como Cracolândia, no centro de São Paulo.

b) Seleção dos tuítes que constituíram o exemplário de análise e, em seguida, printados.

7.5 Procedimentos de análise

Os procedimentos analíticos consistirão nos seguintes passos.

a) Identificação do momento da interação em que a ironia é possivelmente atribuída por quem interpreta à intencionalidade do locutor, descrevendo o circuito comunicativo em que acontece a interação e a aresta crítica;

b) Descrição da ironia por ambiguidade conforme as características das redes referenciais;

c) Explicação sobre como ocorre as diferentes formas de marcação da ironia, com base nos pressupostos de Marques (2016).

d) Análise, por marcas de referenciação e de intertextualidade, dos conhecimentos compartilhados, mais gerais ou mais específicos, exigidos pela ironia em cada interação examinada.

Para a análise dos dados, além dos pressupostos teóricos de Paveau (2021), recorreremos às contribuições de Hutcheon (2000), Brait (2008) e Marques (2016) aos estudos irônicos, à base teórica da LT com Cavalcante *et al.* (2021), e com Carvalho (2018) no que concerne ao fenômeno da intertextualidade.

8 ANÁLISE

Nossa análise fundamentou-se em quatro eixos essenciais: a) Identificação do momento em que a ironia pode ser potencialmente atribuída pelo intérprete à intencionalidade do locutor, elucidando o contexto sócio-histórico que justifica o tom sarcástico da aresta crítica. b) Análise de como a duplicidade de sentidos será caracterizada em termos de quadro referencial, com redes referenciais. c) Exploração das diversas formas de marcação da ironia. d) Análise da contextualização das intertextualidades empregadas para produzir ironia.

É relevante ressaltar que esses conceitos são interligados e não mutuamente excludentes. A opção por abordar nossa análise por meio desses quatro eixos principais visa facilitar a compreensão e a organização do estudo, embora reconheçamos sua intrínseca relação e complementaridade.

As postagens analisadas foram extraídas do X (Twitter) e correspondem aos anos de 2022, 2023 e 2024. Vamos agora apresentar o primeiro texto objeto de nossa análise, o qual se refere à compartilhamento da capa da versão impressa da revista Carta Capital, correspondente à edição 1273, publicada em 17 de agosto de 2023. Que tem como contexto a deflagração da investigação sobre a entrada ilegal de joias provenientes da Arábia Saudita em 2021.

Figura 11 – Tuíte 05



Disponível em: <https://twitter.com/dbelemlopes/status/1692606727114436641> Acesso em: 19 ago. 2023.

Etapa 1: a aresta crítica

Na construção imagética da capa, tem-se a figura do ex-presidente, Jair Bolsonaro, vestido em um cartaz que faz uma alusão aos vendedores que usam deste recurso para anunciar seu produto na rua. A ironia é construída pelo uso da imagem de Bolsonaro associada à venda dos itens que estão sendo divulgados “ouro, relógios e joias” que fazem referência aos objetos da investigação deflagrada.

Ademais, no rodapé da imagem final, há uma outra referência à operação da PF mencionando “Cid, Wassef e militares”, todos eles investigados juntamente com o ex-líder da república e a sua família.

Embora, a legenda eleita pelo usuário não apresente traços de ironia como a ambiguidade e os sentidos implícitos, a escolha por publicar a capa da Carta Capital e o concordar com o “Que capa, senhoras e senhores” colaboram para que consideremos que este tuíte apresente marcas textuais de ironia, especialmente na composição da capa com o texto: “Vendo Ouro Relógios Joias Aceito pix tratar com: Cid, Wassef e militares”.

No mês de março deste ano, deu-se início a uma investigação relacionada à entrada ilegal de joias originárias da Arábia Saudita, em 2021, transportadas nas bagagens de membros de uma comitiva que acompanhava o então Ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, durante o governo de Jair Messias Bolsonaro. A Receita Federal (RF), na época, comunicou o Ministério Público Federal (MPF), alegando que o governo em exercício não havia cumprido os procedimentos necessários para incluir as joias no patrimônio da União, como é requerido no caso de presentes recebidos por presidentes da República durante seu mandato.

As joias foram retidas pela RF por mais de um ano e seu valor foi avaliado em mais de R\$ 5 milhões. Entre as peças, encontrava-se um colar, um par de brincos, um anel e um relógio, destinados à ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.

Durante as investigações, a Polícia Federal (PF) confirmou que o ex-presidente tinha conhecimento das tentativas de seus aliados de vender as joias presenteadas ao Brasil por delegações estrangeiras. As mensagens encontradas no celular apreendido do tenente-coronel Mauro Cid, ex-assessor de Bolsonaro, reforçam que o ex-presidente estava ciente das negociações.

Em 17 de agosto, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), autorizou a quebra dos sigilos bancário e fiscal de Jair Bolsonaro e de sua esposa, Michelle Bolsonaro, com o objetivo de verificar se o dinheiro proveniente da venda das joias presidenciais foi repassado ao ex-presidente.

Essa decisão ocorreu no mesmo dia em que o advogado do tenente-coronel Mauro Cid, Cezar Bittencourt, declarou que seu cliente admitiria ter vendido as joias da Presidência da República a mando de Bolsonaro e ter entregue o dinheiro em espécie. O valor da venda pode ter ultrapassado R\$ 1 milhão.

De acordo com informações do STF, foi elaborada uma estratégia para contornar o registro das joias pelo setor do Palácio do Planalto responsável pela catalogação. O ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, tenente-coronel Mauro Cid, seu pai, o general da reserva Mauro César Lourena, o segundo-tenente do Exército Osmar Crivelatti, braço direito de Mauro Cid, e o ex-advogado da família Bolsonaro, Frederick Wassef, estariam envolvidos no esquema.

A operação da PF, na qual essas figuras tornaram-se alvo, recebeu o nome de "Lucas 12:2", em alusão a um versículo bíblico que diz "não há nada escondido que não venha a ser descoberto, ou oculto que não venha a ser conhecido". Essa operação foi deflagrada em 11 de agosto, com mandados de busca autorizados pelo ministro Alexandre

de Moraes, do STF, que apontou indícios de que o esquema foi realizado por determinação de Bolsonaro.

A partir desta investigação criminosa, várias manifestações dos usuários das redes sociais foram observadas em muitas postagens, incluindo o tuíte 02, que também demonstra a construção da ironia realizada por meio das não-coincidências do dizer entre as palavras utilizadas e a realidade retratada.

Figura 12 - Tuíte 06



Disponível em: <https://twitter.com/direitasiqueira/status/1742621609267962078> Acesso em: 04 de jan. 2024

Como ressaltamos anteriormente, as análises foram organizadas nestes quatro eixos principais para facilitar a compreensão e a organização do estudo, contudo reconhecemos que eles estão intrinsecamente relacionados e se complementam prova disso é que este tuíte pertencente ao eixo da aresta crítica, proposto por Hutcheon (2000) poderia também integrar ao eixo de marcação da ironia, visto que o perfil do Coronel Siqueira no X (Twitter) apresenta-se como um perfil paródia, em que todas as suas

publicações fazem uso da ironia, interrelacionando-a com o humor, a sátira e essa crítica mordaz sobre assuntos da sociedade brasileira, principalmente aos tópicos políticos.

Conforme nos revela o dado da rede social, o perfil foi criado em dezembro de 2019, Coronel Siqueira se trata de um personagem criado para alfinetar a direita enquanto diz pelo seu usuário @direitasiqueira que pertence à direita. Junto a seguinte definição em sua biografia: “CIDADÃO DE BEM, PATRIOTA, VIÚVO, CRISTÃO, HÉTERO CONVICTO, DE ASCENDÊNCIA EUROPEIA, ANTI-CORRUPÇÃO E VIVO. SR. MUSK, ESTE É UM PERFIL PARÓDIA”, listagem essa que apresenta muito do que os simpatizantes da direita dizem defender e alegam ser.

No tuíte 06, o Coronel Siqueira aponta para o tema que discutimos no exemplo 09 sobre a protocolização junto a Câmara Municipal de São Paulo pelo vereador Rubinho Nunes (União) com o pedido de abertura de uma CPI para investigar organizações que atuam na Cracolândia. Em suas redes sociais, o vereador disse que pretende convocar o padre Julio Lancellotti, que tem longa atuação social na região de São Paulo para prestar esclarecimentos.

A aresta crítica é construída pelo Coronel Siqueira ao dizer que sem a ajuda do padre Julio a população de rua se “ESFORÇARIAM MAIS, TRABALHARIAM MAIS E VIRARIAM TODOS BILIONÁRIOS, E O PIB BRASILEIRO SUPERARIA O AMERICANO!!!”, desse modo, mesmo referindo-se as pessoas que vivem em situação de rua, seu texto é direcionado aos indivíduos que replicam estas falas correlacionando a escolha. São pessoas que estão sofrendo com a dependência química que são inviabilizadas pelo Estado.

Complementa com “ELE PREFERE DAR O PEIXE QUE ENSINAR A PESCAR”, outra frase frequentemente usada para apontar as políticas sociais como os programas de transferência de renda a população em situação de pobreza, todavia, é preciso ajuda como a feita pelo padre Julio Lancellotti junto a organizações alinhada a ampliação das políticas sociais existentes para que possa ser possível dar o peixe, a vara e o tempo para que a pessoa aprenda a pescar sem morrer de fome no caminho.

Figura 13 - Tuíte 07



Disponível em: <https://twitter.com/FalaChupetinha/status/1744773214486626690> Acesso em: 11 jan. 2024

O tuíte 07 estabelece relações intertextuais com o tuíte 06 por abordarem o mesmo tema, no entanto, temos novos referentes incluídos para além do padre Julio Lancelotti. Assim, temos conforme a perspectiva de Carvalho (2018) uma ocorrência de uma intertextualidade ampla, pois, há um diálogo que retoma a um fato socialmente difundido. Neste contexto, têm-se o envio de 800 mil por Neymar da Silva Santos, pai do jogador Neymar, ao Daniel Alves, preso por estuprar uma mulher no banheiro de uma boate de Barcelona, no dia 30 de dezembro de 2022.

O ex-jogador foi detido no dia 20 de janeiro de 2023, quando compareceu para um depoimento, e mantido em prisão preventiva, no Centro Penitenciário Brians 2. Esta quantia foi utilizada para pagamento a justiça da Espanha referente a uma multa chamada de “atenuante de reparação de dano causado”. Assim, apesar do pedido de 12 anos de prisão feito pelo Ministério Público da Espanha, a tendência é que Daniel Alves, possa responder em liberdade provisória.

Desse modo, o usuário constrói a ironia na perspectiva de que se o pai de Neymar doa este valor para ajudar alguém preso por este crime gravíssimo, supõe que a sua ajuda para a obra de caridade do padre Julio Lancelotti seja um valor maior de 1,6 milhões.

Etapa 2 – a ambiguidade referencial da ironia

Figura 14 – Tuíte 08



Disponível em: <https://twitter.com/marizabrito>. Acesso em: 25 ago. 2023.

A análise do tuíte 08 revela uma utilização eficaz da ironia através do uso de ambiguidades e da exploração das não coincidências entre os interlocutores e os diferentes discursos. Nesse contexto, a ironia é construída a partir do emprego ambíguo da palavra "operação".

A ambiguidade surge quando o autor menciona a “operação” relacionada à internação de Jair Bolsonaro que ocorreu aos 23 de agosto de 2023, o ex-secretário de comunicação social Fábio Wajngarten declarou, nas redes sociais, que Bolsonaro seria submetido a “exames de rotina” em São Paulo, para avaliar seu estado de saúde. Todavia, a internação ocorre um dia depois de Bolsonaro ser intimado pela Polícia Federal a prestar depoimento em 31 de agosto.

Em um primeiro momento, os leitores podem interpretar “operação” como um procedimento médico, típico de internações hospitalares. No entanto, a reviravolta irônica ocorre quando fica claro que o termo se refere, na verdade, às investigações realizadas pela Polícia Federal sobre a suspeita de negociações ilegais das joias e bens de alto valor recebidos por Bolsonaro e membros de seu governo durante viagens oficiais.

A ironia se baseia na expectativa de que os leitores associarão imediatamente a palavra “operação” à internação hospitalar, dadas as circunstâncias do momento de saúde de Bolsonaro. No entanto, a reviravolta revela que o autor está fazendo uma alusão à “operação” da PF, sugerindo que as frequentes internações de Bolsonaro coincidem com os momentos em que ele é convocado a depor ou quando surgem novas evidências relacionadas à investigação das joias.

Essa utilização do duplo sentido e da não coincidência entre o sentido aparente e o real da palavra “operação” torna o tuíte irônico e sugere que as internações de Bolsonaro podem estar relacionadas ao seu desejo de evitar ou adiar o enfrentamento das questões legais que surgiram em meio às investigações. Portanto, a ironia é construída de forma sutil, requerendo que o interlocutor recupere o contexto da internação para entender o emprego da palavra “hospital” e “uma operação da PF”. Essa estratégia de comunicação irônica ressalta a conexão entre os eventos e a possível intenção subjacente de Bolsonaro.

Figura 15 – Tuíte 09



Disponível em: <https://twitter.com/FlavioBolsonaro/status/1581788334225227782?t=4VSnUtYxVpMJ4KLmqZaKoA&s=19> Acesso em: 17 out. 2022

No dia 16 de outubro de 2022, aconteceu o primeiro debate do segundo turno das eleições, organizado pela TV Bandeirantes, entre os candidatos à presidência da república, Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro. Esse momento foi caracterizado por acusações mútuas entre o representante do Partido dos Trabalhadores e o candidato do Partido Liberal, a respeito da pandemia de covid-19, corrupção, *fake news* e pobreza.

Esse confronto repercutiu no X (Twitter), que foi inundado por inúmeros tuítes relacionados ao debate. Dentre eles, destacamos o tuíte de Flávio Bolsonaro, filho do então presidente Jair Bolsonaro, que por meio da ironia quis desqualificar indiretamente o candidato da oposição insinuando que Lula era um ladrão. Embora o tuíte não mencionasse diretamente Lula, verificamos que era endereçado a ele, pois foi feito durante o debate, conforme podemos averiguar pelo horário da publicação.

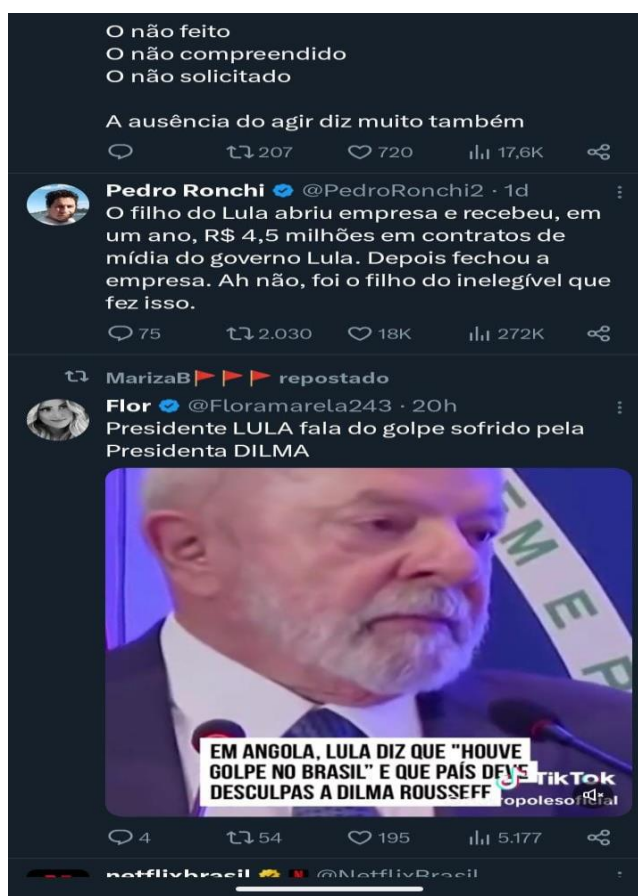
Todavia, em resposta ao seu tuíte a @Jardim_suzane, também recorre à ironia para, por meio desse jogo dos implícitos, dizer que o ladrão a quem Flavio Bolsonaro se refere é seu pai, e complementa com a frase feita “tem que respeitar”.

O uso da ironia foi utilizado para intentos diferentes nos dois tuítes. No primeiro, a intenção de Flavio Bolsonaro era não participar do que dizia em legítima defesa, isto é, como um modo de autoproteção, ao mesmo tempo em que desqualificava o adversário político do pai. Já a segunda pode ser entendida como uma atualização da interação irônica, em que o usuário retorna ao implícito dito por Flavio Bolsonaro e inverte o jogo da desqualificação, alegando que este na verdade se referia ao pai Jair Bolsonaro, que ele era o ladrão.

Assim, a ironia desempenha um papel importante nas interações públicas, possibilitando a expressão de diferentes vozes e perspectivas. Sua natureza ambígua e transideológica, como apontada por Hutcheon (2000) a torna uma ferramenta eficaz para a reflexão crítica e o questionamento de ideias e valores, bem como para a negociação e construção de significados compartilhados entre os interlocutores.

Etapa 3 – formas de marcação da ironia

Figura 16 - Tuíte 10



Fonte: <https://twitter.com/PedroRonchi2/status/1695015923218776400> Acesso em: 26 ago. 2023

No tuíte 10, temos uma ambiguidade referencial. Uma vez que o usuário menciona inicialmente o filho de Lula sem especificar a qual dos filhos do presidente se refere. Contudo, ao final do tuíte, ele revela que está falando do filho do ex-presidente ao usar o referente inelegível.

Dessa forma, a estratégia adotada pelo internauta ao mencionar a investigação pela qual Jair Renan Bolsonaro está passando como se estivesse se referindo a um dos filhos de Lula confere uma ironia a este tuíte.

A fim de que possamos entender as informações mencionadas no tuíte, Jair Renan Bolsonaro, o quarto filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, está sendo investigado pela Polícia Civil do Distrito Federal (PC-DF) por suposto envolvimento em um grupo suspeito de crimes como estelionato, falsificação de documentos, sonegação fiscal e lavagem de dinheiro.

Jair Renan foi sócio da empresa de mídia RB Eventos e Mídia Eirelli, que é alvo dessa investigação. A empresa possui um capital social de apenas R\$ 105 mil, mas obteve um faturamento de R\$ 4,5 milhões em contratos com a mídia entre julho de 2021

e julho de 2022, período em que Bolsonaro era presidente. Em março de 2023, Jair Renan transferiu a administração da empresa para Marcus Aurélio Rodrigues dos Santos, proprietário da empresa 357 Cursos e Treinamentos Táticos - Armas, Munições e Acessórios, sediada em Brasília, como forma de “doação”, sem receber nenhum valor em troca.

Figura 17 – Tuíte 11



Disponível em: <https://twitter.com/enghumanista/status/1741531383774769327> Acesso em: 03 jan. 2024

No tuíte temos a marcação da ironia pelo “contém ironia!”, que foi reconhecido por Marques (2016) no Facebook pelo o uso do “SQN” e que identificamos no X (Twitter) como um recurso para evidenciar ao interlocutor que há ironia no que está sendo dito.

De acordo com Hutcheon (2000), é necessário considerar o contexto para compreender o que está sendo ironizado. No tuíte, o usuário faz uma alusão ampla aos discursos da extrema direita durante as eleições presidenciais de 2022, onde se afirmava

que, caso Lula fosse eleito, as igrejas evangélicas seriam fechadas e haveria a implementação de banheiros unissex nas escolas.

Esta é uma das estratégias mais utilizadas para mobilizar o voto evangélico no Brasil o discurso de perseguição aos cristãos. Essa tática foi vigorosamente empregada pelos opositoristas na última eleição para angariar apoio ao candidato a reeleição Jair Bolsonaro, com histórias e narrativas de que o PT e Lula eram uma ameaça iminente à liberdade religiosa.

No entanto, após um ano do governo do presidente Lula, nada do que seus opositores afirmavam aconteceu. Diante disso, o locutor, ao invés de usar o número zero em cada item listado, utilizou números exorbitantes como representação da oposição ao que estava sendo dito, o que contribui para a ironia.

Figura 18 – Tuíte 12



Disponível em: <https://twitter.com/sensacionalista/status/1729918387051004045> Acesso em: 03 dez. 2023

Este tuíte dialoga diretamente com os tuítes 06, 11, e 16, do mesmo modo como salientamos na análise como exemplo do tuíte 03, este também pode integrar ao

eixo seguinte da contextualização das intertextualidades empregadas para produzir ironia, pois, por meio da alusão ampla reporta-se a investigação sobre a entrada ilegal de joias provenientes da Arábia Saudita em 2021.

No entanto, optamos por o inseri-lo no eixo de marcação da ironia devido ao perfil que fez o tuíte, o Sensacionalista, que se apresenta em sua biografia como “o jornal isento da verdade”, indicando ao interlocutor que o que é postado tem traços de ironia, crítica e sátira.

Fundado em 2009 no Facebook, a página ganhou popularidade durante a dicotomização política provocada pela campanha eleitoral do ano de 2014, agora presente também nas redes sociais Instagram e X (Twitter) publica manchetes fictícias que não poupam as autoridades.

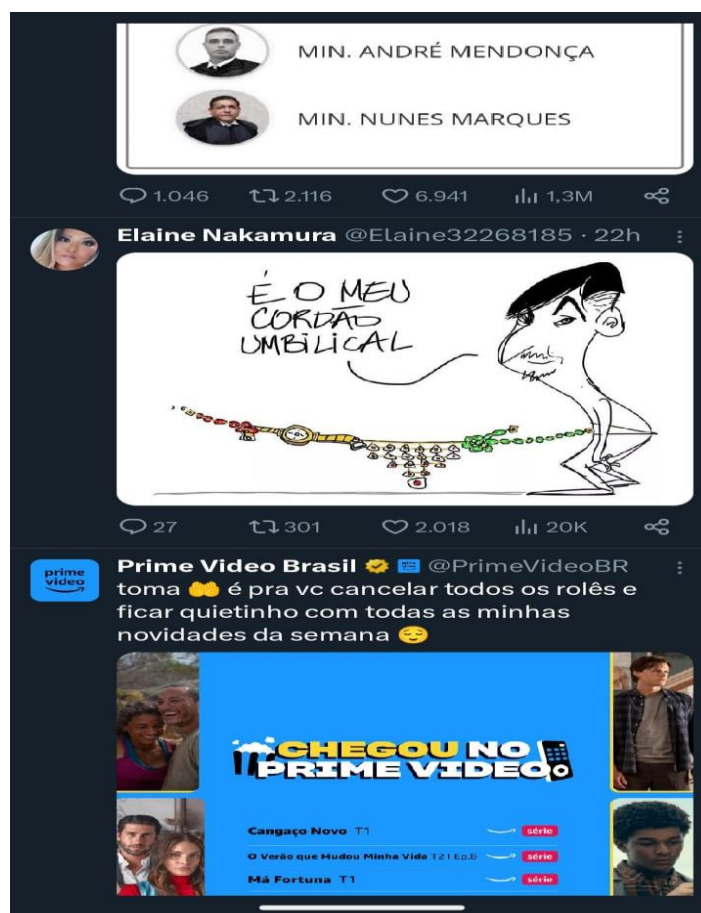
No tuíte, tem-se a imagem do presidente Lula com o príncipe-herdeiro e primeiro-ministro da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman Al Saud, aos 28 de novembro de 2023 que foi a primeira parada de um roteiro pelo Oriente Médio e Alemanha, cujo principal compromisso era a participação na Conferência do Clima das Nações Unidas (ONU), a COP 28, nos Emirados Árabes.

Junto a foto, temos como chamada de capa “Bolsonaro pede a Lula que pegue encomenda para ele na Arábia Saudita”, fazendo alusão ampla à operação realizada pela Polícia Federal intitulada Lucas 12:2, conforme explicamos anteriormente, na qual a investigação envolve os presentes de alto valor recebidos por Bolsonaro durante seu mandato como presidente da República (2019-2022). Segundo a lei, tais objetos devem ser incorporados ao acervo da Presidência da República, ou seja, são bens públicos e não pessoais. No entanto, uma exceção são os itens considerados “personalíssimos”, como roupas, perfumes e alimentos. No entanto, segundo os investigadores, esses presentes de alto valor foram incorporados ao patrimônio pessoal de Bolsonaro e negociados com o intuito de enriquecimento ilícito.

Dessa maneira, as intertextualidades, um importante indicador contextual das ironias, estabelecem conexões com as notícias divulgadas acerca da investigação Lucas 12:2. O locutor através da ironia pode evitar confrontos diretos ou ofensas pessoais, mas ainda assim transmitir seu ponto de vista de forma indireta e até com humor, como o Sensacionalista.

Etapas 4 – As intertextualidades empregadas para produzir ironia.

Figura 19 – Tuíte 13



Disponível em: <https://twitter.com/Elaine32268185/status/1695446782082269554>. Acesso em: 27 ago. 2023.

No tuíte 12, encontramos a figura do filho mais novo de Jair Bolsonaro, Jair Renan, entre os filhos homens. Para contextualizar, assim como seu pai e seus irmãos, Jair Renan também foi alvo de uma operação policial. Esta da polícia civil no Distrito Federal. Em 24 de agosto de 2023, a polícia executou dois mandados de busca contra Renan, um em Balneário Camboriú e outro em Brasília, em uma investigação relacionada a um grupo suspeito de praticar estelionato, falsificar documentos, sonegação fiscal e lavagem de dinheiro.

Nos endereços associados a ele, foram apreendidos um celular, um HD e alguns papéis com anotações. Há suspeitas de que os envolvidos tenham fabricado informações empresariais, incluindo faturamento, utilizando dados de contadores sem o consentimento destes. A operação foi nomeada de Nexum, em referência a um instituto contratual do direito romano, que representa a transferência simbólica de dinheiro e direitos.

O diálogo intertextual é utilizado de forma irônica ao fazer alusão à investigação das joias envolvendo o ex-presidente, pai de Renan, e ao usar a expressão "é o meu cordão umbilical", que normalmente representa a ligação entre o bebê e a mãe, mas aqui é usada para simbolizar a conexão com o pai, Jair Bolsonaro, através do cordão que é feito com os itens sob investigação.

Portanto, conclui-se que a intenção do autor da charge é enfatizar que, seguindo os passos do pai, que está sendo investigado, Jair Renan também estaria envolvido nos crimes que estão sendo apurados pela polícia.

Figura 20 – Tuíte 14



Disponível em: <https://twitter.com/DrBrunoGino/status/1694354532950483232> Acesso em: 24 ago. 2023

Corroborando com este diálogo entre textos, tem-se o tuíte 14 que assim como o anterior no tuíte 13 reflete sobre a investigação das joias, bem como no tuíte 08 sobre a internação do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Como mencionamos no contexto do tuíte 08, a internação para exames de rotina após a convocação da Polícia Federal para depoimento sobre o suposto esquema

de desvio de presentes oficiais durante o governo do ex-capitão repercutiu no X (Twitter) sendo recorrente a utilização da ironia como uma aresta crítica bem como servindo a zombaria. Conforme pontua Hutcheon (2000, p.88) “as arestas da ironia, então, parecem agradar e intimidar, sublinhar e solapar; elas juntam as pessoas e as separam”, assim as pessoas assumem um posicionamento entre os que apoiam como a ironia foi utilizada e os desaprovam.

No tuíte 14, a ironia é construída não pela legenda do usuário, mas pela escolha da imagem que acompanha esta publicação, na qual temos um exame de radiografia de um tórax com um diamante colaborando para a construção da rede referencial que formou-se sobre a investigação das joias dados pelo governo da Arábia Saudita. Esta escolha não foi feita à toa, à medida que se interliga aos outros tuítes sobre este fato, emergindo na situação encenada, incorpora valores sociais.

Figura 21 – Tuíte 15



Disponível em: https://twitter.com/gabisp22/status/1586855601463754754?t=2S_ygJfV9273ZXqMjInoIg&s=19 Acesso em: 30 out. 2022

O tuíte em questão foi postado após a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva sobre Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições de 30 de outubro de 2022,

num momento de intensa polarização política no país. Os apoiadores de Bolsonaro frequentemente usavam as cores da bandeira brasileira para expressar seu apoio, enquanto os simpatizantes de Lula usavam o vermelho, cor associada ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Ao analisarmos os elementos presentes no tuíte, percebemos que o nome do usuário apresenta um emoji da bandeira do Brasil e um coração amarelo, e sua foto de perfil mostra-o vestindo a camisa da seleção brasileira, também na cor amarela, associada ao sentimento patriótico defendido por Bolsonaro. Portanto, concluímos que esse usuário é um seguidor do presidente derrotado.

O tuíte faz uso de uma referência intertextual para expressar lamento pela derrota de Bolsonaro. O autor utiliza uma fita simbolizando luto, dividida entre as cores preta (tradicionalmente associada ao luto) e verde e amarela (relacionadas a Bolsonaro). Na legenda, a palavra "luto" é destacada em letras maiúsculas devido à derrota, reforçando a mensagem de tristeza pela situação política.

A resposta ao tuíte, por outro perfil identificado com o número 13, em referência à sigla do PT e ao candidato Lula, adiciona uma camada de ironia. O perfil @nordeste131 faz uma alusão à declaração de Bolsonaro em 2020 sobre a pandemia de Covid-19, onde ele minimizou a situação. Isso destaca como a ironia é utilizada de forma estratégica para criticar o presidente e seu discurso.

Essa análise ilustra a relevância do contexto para compreender a ironia, conforme enfatizado por Hutcheon (2000), e como os recursos textuais contribuem para essa compreensão. Isso corrobora a ideia de que não existe discurso inocente ou não politicamente marcado. Ainda mais, podemos ver como a ironia pode ser utilizada como uma arma poderosa e imprevisível em conflitos políticos e ideológicos.

A ironia, transideológica por natureza, revela sua flexibilidade e poder como recurso retórico, capaz de servir a diferentes perspectivas políticas e interesses, legitimando ou desafiando discursos estabelecidos.

Figura 22 – Tuíte 16



Disponível em: <https://twitter.com/LUIZPATRIOTA39/status/1739442896481185907> Acesso em: 27 dez. 2023

No tuíte 16, além da presença marcante da intertextualidade, podemos identificar a sutil marcação da ironia nos perfis de Luiz Patriota e Coronel Siqueira. Na biografia de Luiz Patriota, por exemplo, encontramos uma autodeclaração humorística, descrevendo-se como "CONSERVADOR, NAO-JACARÉ, QUASE VEREADOR FEDERAL, PRINCIPE, COACH PATRIOTICO E EX JOGADOR DE TRUCO! SATIRA, HUMOR E PARÓDIA." Essa caracterização, juntamente com a biografia do Coronel Siqueira, que faz apontamentos sobre suas publicações, serve como sinalização das inclinações políticas desses perfis, neste caso, defendendo a direita. Outro aspecto relevante é a utilização constante de letras maiúsculas nas publicações, tanto no perfil de Luiz Patriota quanto no de Coronel Siqueira, visando evidenciar e chamar a atenção para o conteúdo compartilhado, uma das formas de marcação da ironia identificada por Marques (2016).

Conforme discutido por Cavalcante et al. (2022), as intertextualidades podem manifestar-se através de diversas remissões, como gênero, estilo e temática. Nesse contexto, observamos uma remissão à notícia de que o vereador anunciou a coleta de

assinaturas para a instalação da "CPI das ONGs". Embora o Padre Júlio Lancellotti não tenha vínculos com as entidades mencionadas na justificativa da comissão, Rubinho Nunes deixa claro que o alvo da investigação é o líder religioso, frequentemente chamado de "cafetão da miséria" pelo autoproclamado cristão parlamentar. Como autor de um projeto de lei que impõe obstáculos às doações de alimentos aos moradores de rua, o bolsonarista talvez não tenha previsto a intensa mobilização da sociedade civil em defesa do padre.

Conforme salientado por Hutcheon (2000), o impacto avassalador do pejorativo e do criticismo contribui para a ideia de que a ironia muitas vezes é agudamente “afiada”. Ela tem alvos específicos, aqueles que a perpetuam e sua audiência cúmplice. Uma das críticas presentes no tuíte sugere que o vereador Rubinho Nunes deveria ter se engajado, pelo menos durante o Natal, período comum para doações e atos de solidariedade. Isso é especialmente irônico diante de sua ação de atacar o Padre Júlio Lancellotti, que realiza essas ações durante todo o ano com a população em situação de rua no centro de São Paulo.

CONCLUSÃO

As análises realizadas corroboram nossa hipótese inicial, demonstrando que a ironia se desenvolve em torno de uma ambiguidade referencial compreensível apenas em contextos específicos de uso, sempre carregando uma dimensão crítica, uma aresta. O arcabouço teórico-metodológico da Linguística Textual (LT) emerge como instrumental para uma abordagem interacional desse fenômeno complexo.

Os tuítes analisados evidenciam essa nuance crítica, especialmente em relação a temas políticos, explorando questões como a polarização nas eleições presidenciais de 2022, a imagem pública de Jair Bolsonaro como pai de família e político íntegro, bem como a investigação policial sobre um suposto esquema de negociação ilegal de joias oferecidas por delegações estrangeiras à Presidência da República, e a tentativa de instauração de uma CPI contra o Padre Julio Lancellotti.

Destaca-se a relevância da LT, especialmente por meio da intertextualidade, categorizada por Carvalho (2018) de forma ampla, na análise da ironia presente nos tuítes. Essa constatação representa uma das contribuições significativas deste estudo, dada a escassez de investigações sobre a ironia dentro da perspectiva da LT.

Além disso, ao buscarmos uma metodologia capaz de distinguir entre ironia e sarcasmo, ambos fenômenos que lidam com a duplicidade de sentidos, observamos que em ambos há um sentido adicional que o intérprete precisa captar, uma implicatura conversacional. A diferenciação reside no fato de que, na ironia em sentido estrito, o sentido adicional não se limita à aresta crítica, mas abrange a oposição de ideias.

A metodologia, embasada na concepção ecológica da linguagem proposta por Paveau (2021), buscou não dissociar os textos nativos digitais do ambiente em que circulam, analisando-os de maneira conjunta. A análise qualitativa, seguindo uma abordagem hipotético-dedutiva conforme Marconi e Lakatos (2001), foi aplicada a doze tuítes que exploram construções irônicas em torno de eventos como o debate eleitoral, a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva em 2022, a investigação contra Jair Bolsonaro e um pedido de abertura de CPI para organizações não governamentais na Cracolândia, em São Paulo.

A ironia é frequentemente baseada em situações específicas, como evidenciado nos tuítes analisados. Tanto em interações online, conforme ilustrado por Marques (2016), quanto em publicações satíricas, como exemplificado pelos perfis do @direitasiqueira, @Luizpatriota39 e o @sensacionalista, assim compreender a ironia demanda uma investigação sobre o todo, mas principalmente sobre os implícitos e as ambiguidades referenciais do contexto. Torna-se necessário analisar aspectos como as escolhas vocabulares e os elementos textuais, enfatizando a importância da linguagem na expressão irônica.

Nossas análises sobre os potenciais efeitos da ironia no contexto do X (Twitter), considerando o contrato comunicativo presente em cada texto e identificando elementos do fenômeno alinhados à abordagem teórica da LT, nos levam à conclusão de que, ao ser investigada em um dos quatro eixos essenciais, o locutor realiza uma manobra criativa que auxilia na expressão indireta, protegendo-se de possíveis ataques, conforme Brait (2008). Esse tipo de posicionamento, em linha com Hutcheon (2000), revela por meio da aresta crítica a agudeza da ironia e seu poder dilacerante.

Neste estudo, adotamos a perspectiva de Linda Hutcheon (2000), que, embora incida sobre a crítica literária, destaca a ironia na relação entre o texto e o contexto sociocultural, abordando elementos intertextuais. Não nos opomos à análise da autora neste trabalho, mas a utilizamos conforme nossos objetivos. Defendemos uma análise com base em critérios ligados ao circuito comunicativo e às marcas contextuais de referência e intertextualidade.

Em suma, a análise da ironia revela sua complexidade, influenciada pelo ambiente sociocultural, o conhecimento partilhado e as marcações na tessitura textual. Em outras palavras, o contexto, a intenção e a forma como a ironia é empregada são fatores cruciais para avaliar seu impacto.

A presença de ironia nos textos examinados revela a dinâmica e a complexidade das interações sociais, políticas e culturais no meio digital. A maneira como recursos linguísticos e multimodais são utilizados para expressar críticas, insinuações e questionamentos mostra como a ironia funciona como um reflexo das complexidades da sociedade moderna, retratando e desafiando narrativas já existentes.

Futuramente, aproveitaremos as reflexões realizadas ao longo desta pesquisa para investigar a ironia em interface com a impolidez sob a perspectiva da LT. Além disso, pensamos em explorar como a multimodalidade contribui junto à intertextualidade para a construção da ironia, bem como estabelecer as funções deste inquietante fenômeno.

Concluímos, portanto, que a ironia se revela como uma ferramenta linguística rica e multifacetada, cuja compreensão transcende os limites do texto, exigindo consideração do contexto, do contrato comunicativo e da interação entre os interlocutores. Esta pesquisa contribui para o campo ao destacar a relevância da abordagem da LT na análise da ironia em ambientes digitais, promovendo uma compreensão de sentidos mais aprofundada das dinâmicas linguísticas e interacionais envolvidas nesse fenômeno.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)**. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2004.

ALMEIDA, E. C. de. **Argumentação e multimodalidade: análise de processos referenciais em textos da rede social x**. 2023. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

BERRENDONNER, A. **De l'ironie. Eléments de pragmatique linguistique**, p. 173-239, 1981.

BARBE, K. **Irony in context**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.

BRITO, M. A. P. **Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência**. 213 f. Tese. (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BRITO, M. A. P.; FALCÃO, M. D. S.; SOUZA SANTOS, J. E. **Apelo a um exterior: as alusões como estratégias argumentativas**. Revista de Letras, v. 2, n. 36, p. 23-35, 2017.

BARROS, J. M. **A intertextualidade como marca constitutiva da argumentação polêmica**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; FARIA, M. G. S. **Atos languageiros de ironia sarcástica: considerações argumentativas em linguística textual**. Revista da Anpoll, v. 54, n. 1, p. e1900-e1900, 2023.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. 1 ed. – Campinas, SP: Pontes editores, 2022.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística textual e argumentação**. Campinas, SP: Pontes editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CUSTÓDIO FILHO, V.; CORTEZ, S. L.; PINTO, R. B. W. S.; PINHEIRO, C. L. **O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise**. Revista (Con)textos Linguísticos, v. 13, n. 25, 2019. p. 25-39.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; OLIVEIRA, R. L. de. **A relevância do texto e da interação no contexto digital**. Calidoscópio, v.19, n.3, 2021. p. 333-344.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014

CAVALCANTE, M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, A. P. L. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 136f. - Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

DUTRA, R.; FARIA, M. G. **Intertextualidade e desqualificação do adversário no uso da hashtag em tuítes**. Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação, 22(3), 92-109, 2022.

FERREIRA, C. A. S.; BRITO, M. A. P. **O apelo intertextual como estratégia de desqualificação do outro em polêmicas**. Revista de Letras, v. 1, n. 41, 15 jul. 2022.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Minas Gerais: UFMG, 2000.

HAIMAN, John. **Falar é barato: sarcasmo, alienação e a evolução da linguagem**. Imprensa da Universidade de Oxford, EUA, 1998.

IRONIA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 16/01/2023.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'énonciation: de la subjectivité dans le langage**. Paris: Armand Colin, 1980.

LEE, C. J.; KATZ; A. N. **The differential role of ridicule in sarcasm and irony**. Metaphor and Symbol, v. 13, p. 1-15, 1998.

MARQUES, G. G. B. S. **Recursos de ironia em interações digitais: um estudo do gênero compartilhamento de notícias**. 208 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MOISÉS, M. **A criação literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MUECKE, D. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MUNIZ-LIMA, I. **Modos de interação em contexto digital**. 179f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

PLATÃO. **A República**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Trad. J. L. Costa e R. L. Baronas. Campinas, SP: Pontes, 2021.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Les ironies comme mentions**. Poétique. Revue de Théorie et d'Analyse Littéraires Paris, n. 36, p. 399-412, 1978.

SARCASMO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 16/09/2023.